

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Flávio Augusto Pagarine Silva

MLN–Tupamaros
“JAMÁS NOS DAREMOS POR VENCIDOS”

Porto Alegre

2018

Flávio Augusto Pagarine Silva

MLN–Tupamaros

“JAMÁS NOS DAREMOS POR VENCIDOS”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em História pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Flávio Augusto Pagarine
MLN-Tupamaros "Jamás nos daremos por vencidos" /
Flávio Augusto Pagarine Silva. -- 2018.
76 f.
Orientador: Enrique Serra Padrós.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. MLN-T. 2. Medidas Prontas de Seguridad. 3.
tupamaros. 4. Uruguai. 5. Doutrina de Segurança
Nacional. I. Padrós, Enrique Serra, orient. II.
Título.

Flávio Augusto Pagarine Silva

MLN–Tupamaros

“JAMÁS NOS DAREMOS POR VENCIDOS”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em História pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Aprovado em 21 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós
Orientador (UFRGS)

Me. Ramiro José dos Reis
História (UFRGS)

Ma. Cristiane Medianeira Ávila Dias
História (UFRGS)

DEDICADO

Ao incansável professor Enrique Serra Padrós, porque o orientador é mais importante do que a dissertação.

A professora Clara Aldrighi, porque sem ela a dissertação sequer existiria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa Alessandra Saldanha pela infinita paciência. Aos meus filhos Gabriel e Kayla, o que há de melhor em mim. As minhas mães Sônia Pagarine, Eva Soares e Carmem Vasconcelos. Aos inesquecíveis: Mariana Santoro, Alvaro Rosa, Gilberto Marins, João Batista Ambos, Cadio Veronio, João de Deus Mullet, Gilson Pedroso, Moacir Jung, Margarete Severo, Ricardo de Lorenzo, Dante Melero, Francisco Ruffoni, Gabriel Berute, Marcione Rodrigues, Sabrina Clavé Eufrásio, Izaias Quintana, Olívia Tavares, Eliz Govoni, Márcia Leal Wunsch. E mais: Humberto, Dadinho, Lacerda, Arsenio, Flavinho, Professor Roberto da Banda, Ronaldo, Nynynho, Rafael, Luís Otacílio (Lula), Paulo Reni, porque a periferia é campo fértil para semear amizades eternas.

“Jámas nos daremos por vencidos.”
Jorge Zabalza

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a violência política no Uruguai dos anos 60/70, analisando os enfrentamentos armados entre o aparato repressivo estatal e a organização insurgente MLN-Tupamaros. O objetivo imediato é discutir as possíveis causas da derrota guerrilheira a partir da análise de fatores internos tais como o aumento quantitativo de militantes com a consequente perda de capacidade organizativa, o abandono progressivo do MLN-T da política de aproximação com as massas por uma opção militarista e os desacordos dentro da organização quanto à forma de conduzir a luta, o que acaba enfraquecendo a manutenção da hierarquia. Também são analisados fatores externos tais como o aumento progressivo da repressão estatal, a partir do uso sistemático das *Medidas Prontas de Seguridad* e a passagem do combate contra a guerrilha da polícia para o comando das Forças Armadas.

Palavras-chave: Violência política; Uruguai; Repressão; MLN-Tupamaros; Forças Conjuntas.

ABSTRACT

This paper discusses the political violence in Uruguay of the years 60/70, analyzing the armed confrontations between the repressive State apparatus and the insurgent organization MLN-Tupamaros. The immediate goal is to discuss the possible causes of defeat a guerrilla from the analysis of internal factors such as the quantitative increase of militants with the consequent loss of organizational capacity, the progressive abandonment of the MLN-T of policy closer to the masses by a militaristic option and disagreements within the Organization as to how to conduct the struggle, which ends up weakening the hierarchy maintenance. Are also analysed external factors such as the progressive increase of State repression, from the systematic use of measures Ready safety and the fight against the guerrillas to the command of the armed forces.

Keywords: Political violence; Uruguay; Repression; MLN-Tupamaros; Joint Forces.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A AMEAÇA INSURGENTE	18
1.1 Contexto	18
1.2 Origens	21
2 ARMAR-SE E CRESCER	28
2.1 Violentos e corteses	28
2.2 Mais do que palavras: ações armadas	30
2.3 A chegada ao poder: Jorge Pacheco Areco	35
2.4 O Começo do fim	39
3 MUDANÇA DE FOCO?	42
3.1 Encontros e desencontros: as mudanças na forma de fazer a luta	44
3.2 O conflito de gerações	47
3.3 Uma luta pequeno-burguesa?	50
4 O ESTADO ATACA	53
4.1 <i>Medidas Prontas de Seguridad</i>	53
4.2 A reorganização dos serviços de inteligência	55
4.3 Forças Conjuntas: a entrada dos militares	58
4.4 A derrota	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta analisar as causas que levaram à derrota da guerrilha uruguaia conhecida como Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros (MLN-T).

Na busca por respostas será analisada a derrota do MLN-T a partir de algumas premissas, quais sejam: a) o aumento quantitativo de militantes com a consequente perda de capacidade organizativa; b) o abandono progressivo do MLN-T da política de aproximação com as massas por uma opção militarista; c) os desacordos dentro da organização quanto à forma de conduzir a luta, o que acaba enfraquecendo a manutenção da hierarquia; d) o aumento progressivo da repressão estatal, a partir do uso sistemático das *Medidas Prontas de Seguridad*; e) a passagem do combate contra a guerrilha da polícia para o comando das Forças Armadas.

Estudar um movimento revolucionário armado de esquerda, latino-americano, sugere a apropriação de vários conceitos, visto que há muita teorização em torno desse tema. Norteiam esse trabalho os seguintes conceitos-chave: “guerra revolucionária”, “política de massas”, “ética guerrilheira”, “Doutrina de Segurança Nacional” e “repressão”.

O primeiro dos conceitos, “guerra revolucionária”, baseia-se na interpretação dada por Héctor Luis Saint-Pierre, quem define:

[...] a guerra revolucionária é uma guerra civil na qual o fundamento último do conflito, sua caracterização política, é a agudização bélica da luta de classes. Se todas as guerras revolucionárias são guerras civis, nem todas as guerras civis são guerras revolucionárias, assim como nem todas as guerras são guerras civis. Portanto, a guerra revolucionária é um conflito armado do tipo da guerra civil onde o que está em jogo é o domínio político de uma classe social.¹

Partindo dos pressupostos de Saint-Pierre, admite-se que “guerrilha urbana” é uma derivação de guerra revolucionária, na medida em que ela é uma prática revolucionária, restrita à cidade, que usa o foco armado como método de luta, de caráter político, como afirma Ariel Collazo: “es solo la etapa inicial de una concepción más vasta, que es la guerra popular o del pueblo [...] se trata de conquistar a la población.”²

¹ SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Guerra e guerra de revolucionária. *Revista de sociologia e política*, Universidade Paulista. São Paulo, n. 8, p.31-41, 1997. p.35.

² COSTA, Omar. **Los tupamaros**. México: Ediciones Era, 1971. (Colección Ancho Mundo) p.160.

Para conquistar a população é preciso desenvolver uma “política de massas”, que é um mecanismo de integração popular, o reconhecimento de que os setores subalternos desempenham um papel chave na construção de uma sociedade mais justa. Portanto, trata-se da possibilidade oferecida por partidos políticos ou movimentos sociais de impulsionar a participação de extratos populares nas decisões políticas. A política de massas não é só uma concepção ideológica, mas o resultado de ações concretas que promovam e incentivem a participação daqueles setores nas decisões referentes à comunidade.

No caso do MLN-T a obtenção da adesão das massas passa necessariamente pela “ética guerrilheira”, considerada aqui como a prática de resguardar e atender os regulamentos e regras estabelecidos pela Organização no que tange a defender os setores populares e atingir somente o Estado opressor, a oligarquia, a elite burguesa e os interesses dos Estados Unidos.

Em relação ao conceito de “terrorismo de Estado” Enrique Serra Padrós, assim define:

A política de Terror de Estado (TDE) implementada pela ditadura civil- militar uruguaia (1973-1984) foi o mecanismo utilizado para aplicar as premissas da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), visando defender os interesses dos setores dominantes locais e do capital estrangeiro e destruir as tendências de questionamento social e de exigência de mudança estrutural promovidas pelas organizações populares.³

O mesmo autor destaca que no Uruguai a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) apresenta as seguintes características:⁴

- adotou a premissa dos EUA de uma guerra total e permanente entre o mundo comunista (URSS) e o mundo livre (EUA) com a consequente *pentagonização* dos exércitos latino-americanos;
- defendeu a profissionalização das Forças Armadas em função da preservação da segurança interna diante da ameaça subversiva (o chamado “inimigo interno”)
- subordinou o poder civil ao poder militar e à militarização do conjunto da sociedade;
- corroborou que as Forças Armadas eram o fator fundamental da construção nacional;

³ PADRÓS, 2005, p. 16.

⁴ PADRÓS, Enrique Serra. A Ditadura civil-militar uruguaia: doutrina de segurança nacional. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 495-517, jul./ dez. 2012.

- visou a interdição definitiva da política partidária.

Ainda no citado artigo, Enrique Serra Padrós apresenta três conjuntos⁵ de ações desenvolvidas pelas forças de segurança, como metodologia de enfrentamento ao elemento “subversivo”, uma das quais a repressão, instrumento usado para conter os movimentos sociais e no combate a esquerda armada: “a repressão propriamente dita, tarefa mais comum, implicou em ações destinadas à destruição das organizações “subversivas”, seus aparatos armados e seus recursos de infraestrutura.”⁶

Muitas são as motivações para a realização desta pesquisa, porém a principal é buscar entender o desfecho de um movimento que na minha infância servia como forma dos adultos ameaçarem as crianças arteiras da fronteira oeste do Rio Grande do Sul⁷; portanto é um motivo pessoal, em grande medida por que o MLN-T perpassou minha infância como se fosse um grupo de bandidos violentos. Décadas mais tarde, tem um de seus integrantes empossado, através do voto popular, na Presidência do Uruguai⁸. Na atualidade a experiência dos Tupamaros esta integrada na história da luta armada do povo uruguaio⁹ e nos movimentos de esquerda da América Latina.

Analisando a bibliografia disponível, constata-se a ausência de um consenso a cerca do que provocou a derrota. Há quem admita que a violência do Estado e de grupos paramilitares foi determinante; a quem defenda a inviabilidade de uma Revolução Socialista, pois seria impossível num país tão pequeno e localizado entre dois grandes países capitalistas como Brasil e Argentina; admite-se, também, que a mudança no rumo da luta armada e as disputas ideológicas dentro do Movimento tenham oferecido às condições ideais para a derrota; finalmente, existe, ainda, a identificação da traição e da deleção como principais motivos ao debacle final.

O que parece irrefutável é que o MLN-T está no centro do debate sobre a existência de violência política no Uruguai nos anos sessenta e setenta, não por coincidência é o período de retomada do governo nacional pelo Partido Colorado e o consequente aumento do aparato repressivo estatal.

Quatro autores reconhecem a existência de diversos fatores na eclosão do movimento da luta armada, são eles: Enrique Serra Padrós, Omar Costa, Andrés Cultelli e

⁵ Repressão, prevenção e profilaxia.

⁶ PADRÓS, 2012.

⁷ Como muitas do seu tempo minha avó quaraiense ameaçava: “vo te entregá prus Tupamaro”.

⁸ Pepe Mujica presidente do Uruguai entre 2010 e 2015, ex-Tupamaro, filiado ao MPP.

⁹ Importantes o OPR33, o FIDEL, o MIR, o FARO que coexistiram com os Tupmaros e também fizeram parte dessa luta.

Clara Aldrighi. Cada um deles matizando ou enfatizando este ou aquele aspecto, mas há uma relativa coincidência em que o estabelecimento da violência política no Uruguai dos anos sessenta e setenta foi a expressão dos seguintes fatores: da crise da democracia e dos partidos tradicionais, da guerra-fria e do avanço do imperialismo estadunidense, do estancamento econômico uruguaio, do aumento da pobreza e do advento da Revolução Cubana, todos fatores decisivos para ajudar e compreender o surgimento do movimento tupamaro e da opção pela luta armada.

Assim, Enrique Serra Padrós em sua tese de doutorado *Como el Uruguay no hay ... : terror de Estado e segurança nacional Uruguai (1969-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar*, trata da dissiminação da Doutrina de Segurança Nacional como instrumento do Terror de Estado no Uruguai para o período da Ditadura Civil/ Militar-1973/1984 – ao mesmo tempo em que define o contexto histórico latino-americano como de “efervescência produzida pela Revolução Cubana quanto pelo esforço dos EUA em disseminar as concepções contra-insurgentes e reforçar a *pentagonização*¹⁰ regional”¹¹

Omar Costa em *Los Tupamaros* (1971) traça um panorama geral sobre o Uruguai dos anos sessenta e setenta, destacando as medidas político-econômicas impopulares que, por sua vez, propiciaram o aumento da violência social, da repressão estatal e o surgimento do movimento tupamaro.

O referido livro relaciona a opção da luta armada como resposta ao aumento da violência estatal e da exploração econômica, enquanto a classe política tradicional é substituída por uma equipe de “especialistas” vinculados ao setor empresarial, em áreas estratégicas do governo.

Ainda nessa obra são reunidos documentos emitidos pelos tupamaros como o *Regulamento* e o *Programa de Governo*, reportagens de jornais como a *Carta Aberta à Polícia* (1967), as entrevistas *30 perguntas a um Tupamaro* e *14 perguntas a un Tupamaro Preso*. Há também testemunhos e declarações de autoridades do governo, como a entrevista do comissário Alejandro Otero, chefe de *Inteligencia y Enlace*.

¹⁰ Segundo Enrique Serra Padrós “Em essência, a “pentagonização” da América Latina foi a expressão da ampliação gradual de uma complexa rede de relações, subordinadas ao poder norteamericano, que compreendeu: intercâmbio de informação, fornecimento de equipamentos militares e munição, treinamento diverso para fins de segurança interna, instrução para ações encobertas, acesso às escolas militares estadunidenses criadas ou reconvertidas para esses fins, oferta de linhas de financiamento específicas [...]” PADRÓS, 2007, p. 14.

¹¹ PADRÓS, 2005. p.05.

Andrés Cultelli em *La Revolución Necesaria: contribución a la autocrítica del MLN Tupamaros* –, trata da derrota dos tupamaros e defende que “la derrota del MLN-T no se debe a las omnipotência del enemigo, se debe a las contradicciones internas de nuestra propia organización”¹², advertindo que para entender de fato as causas da derrota é preciso uma autocrítica objetiva e avançar além de explicações parciais, unilaterais, que mascaram os erros cometidos.

Para tanto, segundo Cultelli, deve-se desmistificar o MLN-T e perceber que, entre outros motivos, faltou definir com precisão a questão de classe. A classe média uruguaia representava ao redor de 60% da população, fato que contribuiu para que uma porção importante de jovens estudantes, representantes da pequena burguesia, ingressassem na organização, chegando a assumir postos de direção, em detrimento de uma classe operária mais consciente da luta de classes. O autor defende que por esses estudantes terem sido “ultraesquerdistas”¹³ teriam impossibilitado uma aliança mais poderosa entre a classe operária e a burguesia empobrecida.

A historiadora Clara Aldrighi em sua obra *La Izquierda Armada - ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros*¹⁴ faz a análise mais completa sobre o MLN-T, definindo que o Movimento é uma organização de autodefesa e que seu surgimento é uma resposta ao aumento da violência estatal, acrescentando ainda a influência da Revolução Cubana, num contexto de segunda Guerra Fria, e do foquismo como meio ideológico e material de fazer a luta armada.

Nesse sentido a violência política revolucionária, enquanto componente principal da chamada ‘guerra justa’, é um recurso legítimo de contestação social e de contraposição a um Estado que, num contexto de caos econômico, usa da crescente violência para reprimir os movimentos populares.

A autora analisa a trajetória do movimento, sua estrutura interna, e as ações realizadas pelas forças militares no combate aos “subversivos”. A partir de importante arcabouço de fontes (entrevistas, jornais, documentos governamentais, etc) observa e discute as modificações que sofrem as forças em confronto ao longo da disputa, que termina com a derrota militar dos tupamaros e a posterior instalação da ditadura civil/militar.

¹² CULTELLI, 2006, p.14.

¹³ Idem, p.40.

¹⁴ ALDRIGHI, 2001.

Clara Aldrighi entende que a principal causa para a derrota do MLN-T encontra-se na entrada das Forças Armadas no combate aos insurgentes, com o auxílio de especialistas militares dos EUA: “creo que la ofensiva represiva iniciada en setiembre de 1971 por las Fuerzas Conjuntas (Fuerzas Armadas y Policía) fue el factor decisivo”.¹⁵

O trabalho é dividido em quatro capítulos, acrescidos de introdução e conclusão: no primeiro capítulo apresento o contexto histórico, as abordagens teóricas acerca do estabelecimento da violência política e o surgimento do MLN-T.

No segundo analiso o crescimento da organização a partir de duas possibilidades: a estratégia político-militar de aproximação com as massas e o aumento da repressão do Estado (ascensão de Pacheco Areco), como instrumentos que ofereceram as condições necessárias ao aumento de militantes ao MLN-T para o período compreendido entre a fundação da UTAA -1961- até o ano de 1969, momento final da chamada fase “Robin Hood”, e este crescimento como fator decisivo para a impossibilidade da manutenção do aparato armado e a consequente derrota militar.

Nesse segundo capítulo as referências bibliográficas são, o já citado *La Izquierda Armada* - ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros, as *Actas Tupamaras*, documento escrito pelos tupamaros relatando as operações, as táticas e a metodologia da luta armada, e o artigo de Silvina Merenson *Las Marchas de la Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas*, onde se abordam discursos nos jornais e periódicos uruguaios à época das marchas dos plantadores de cana de Bella Unión, e a representatividade dos *cañeros* no processo de radicalização política.

No terceiro capítulo avaliam-se as mudanças que ocorreram ao longo do processo de insurgência: a mudança para uma estratégia de ação de direta (foquismo), as rupturas, a crise de identidade provocada pela chegada dos estudantes, as mudanças nos postos de direção e a irrupção de divergências entre os principais líderes.

Para esta análise são utilizados os cinco documentos – que tratam das estratégias utilizadas pelos insurgentes na luta armada - emitidos pelos tupamaros à época dos confrontos, a fim de perceber se há ou não uma mudança na chamada “política de massas”, dialogando com a citada obra de Clara Aldrighi *La Izquierda Armada* - ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros, com a *Historia de los Tupamaros*, de Eleutério Fernandez Huidobro, como também os já citados *Los Tupamaros*, de Omar Costa, e *La Revolución Necesaria* de Andrés Cultelli, todos ex-integrantes do movimento.

¹⁵ Em e-mail endereçado a mim em 11 de maio de 2018.

No quarto capítulo estuda-se o recrudescimento do aparato repressivo (o chamado “Terror de Estado”) buscando identificar a mudança de comportamento e de comando no enfrentamento ao MLN-T.

Por fim, nesse mesmo capítulo quatro, avalia-se como aconteceu a derrota, o modo como as Forças Armadas submeteram militarmente os tupamaros.

As principais referências deste capítulo, entre outros, são: Enrique Serra Padrós *Como el Uruguay no hay...: terror de Estado e segurança nacional Uruguai (1969-1985): do Pachecato a Ditadura Civil-Militar e La Izquierda Armada - ideología, ética e dentidad en el MLN-Tupamaros* de Clara Aldrighi.

1 A AMEAÇA INSURGENTE

A história de toda a sociedade até hoje tem sido a história das lutas de classes.
Manifesto do Partido Comunista¹⁶

1.1 Contexto

Terminada a Segunda Guerra Mundial há uma nova configuração nas relações internacionais. São lançadas as bases de uma nova ordem mundial que divide o planeta em zonas de influência sob a égide de dois blocos: o comunista, liderado pela União Soviética, e o capitalista, tendo a frente os Estados Unidos.

Restabelecidas as bases da economia mundial com a superação dos maiores estragos feitos pela guerra, o país capitalista hegemônico coloca em xeque as práticas keynesianas¹⁷ optando pelo abandono do Estado de bem estar social. A nova política econômica do governo passou a ser a da interferência no mercado internacional com ênfase no livre comércio e calcado na monopolização dos meios de produção, do sistema financeiro e na concentração de grande parte da atividade produtiva em empresas multinacionais norte-americanas.

Os Estados Unidos constituem-se no que Michelena define como o “país imperialista hegemônico.”¹⁸ Hegemonia essa que visava atingir todos os setores da economia, da política e das relações sociais dos países subdesenvolvidos, forçando principalmente aos latino-americanos a um modelo de desenvolvimento econômico fundamentado na dependência¹⁹ e no que estudiosos marxistas da expansão imperialista, influenciados pelo pensamento de Trotsky, definem como um “desenvolvimento desigual e combinado²⁰”, responsável pela exploração econômica, pelo desemprego, pela fome e pela consequente luta de classes. Conforme afirma Vania Bambirra:

¹⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2011, p. 60.

¹⁷ John Maynard Keynes defendia a forte intervenção econômica do Estado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego e manter o controle da inflação.

¹⁸ MICHELENA, 1977.

¹⁹ Segundo Vania Bambirra: “la dependencia condiciona la estructura económica que engendra los parámetros de las posibilidades estructurales.” (BAMBIRRA, 1985 p. 10) . Influi em todas as esferas: comercial, industrial, financeira e tecnológica, seguindo as leis da transferência de valor e da super exploração da força de trabalho, causando um divórcio entre a estrutura produtiva e as necessidades da classe trabalhadora.

²⁰ Ainda segundo Vania Bambirra: “es el funcionamiento del capitalismo mundial, quien al especializar las economías periféricas en monoproductoras, provoca su modernización, lo que, a su vez, genera los elementos para la diversificación que, por su parte, conduce a la superación de la especialización y de la división

Se puede afirmar que, mientras se profundiza la dependencia económica através del dominio del capital extranjero en los sectores claves de la economía, se ahonda también la dependencia política, en la medida en que las tomas de decisiones más cruciales tienen que tener al capital extranjero como punto de referencia básico, y por tanto ser refrenadas por él.²¹

Nesse período de fim da Segunda Guerra e de avanço do imperialismo norte-americano o Uruguai, *Suíza de América*, que ainda no início dos anos 60 vivia dos auspícios da grande fase exportadora de carnes, lã, couro e da industrialização²², iniciada no final do século XIX, vive uma situação peculiar, com uma crise econômica cada vez mais acentuada:

El Uruguay era una excepción en América Latina. Cuando toda la América de los años 60 empezaba a agitarse, las posiciones oficiales en el Partido Socialista, en el Partido Comunista sostenían que el Uruguay era un caso excepcional, no había condiciones para que ocurriera ningún tipo de rebelión popular, menos aún lucha armada.²³

O país começa a sofrer a penetração ostensiva de capital estrangeiro no setor produtivo-manufatureiro, que retira dos empresários uruguaios o controle sobre boa parte dos setores produtivos tradicionais. A consequência é o fechamento de muitas empresas locais ou sua limitação a atuarem como sócias de menor peso, dado que estavam impossibilitadas de competirem sozinhas no mercado.

Por outro lado, ocorria forte retração dos mercados externos a partir da recuperação da economia europeia e da japonesa, o que gerou um inevitável e crescente endividamento, principalmente com os empréstimos feitos junto ao FMI, como consequência o Estado passou a praticar uma política de arrocho salarial e de abandono de investimentos na área social. Assim estavam dadas as condições para o descontentamento social, segundo Enrique Serra Padrós:

O descontentamento social, fruto também da falta de sensibilidade política dos setores dominantes, radicalizou uma situação que, no mercado externo, era influenciado pela Guerra Fria, pela Revolução Cubana e pela implantação de ditaduras no Brasil (1964) e na Argentina (1966).²⁴

internacional del trabajo bajo las formas existentes hasta entonces, afirmando de esta manera la ley del desarrollo desigual e combinado.” (BAMBIRRA, 1985, p. 44).

²¹ BAMBIRRA, Vania. **El Capitalismo Dependiente Latino-Americano**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985. 10ª Edição. p. 107.

²² Industrialização voltada a substituição de produtos e bens de consumo num primeiro momento e num segundo momento de bens de produção intermediários.

²³ ZABALZA, Jorge. Uruguay, los Tupamaros ayer y hoy. [Entrevista cedida a] Daniel de Santis. *Correspondencia de Prensa*, n. 28, Jun. 2006, p. 1.

²⁴ PADRÓS, Enrique Serra. Uruguai: o Pachecato e a escalada autoritária no final dos anos 60. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 1.

Nesse contexto de crise econômica, social e política, com as profundas repercussões que a Revolução Cubana gerava para a América Latina, irrompe no cenário uruguaio a violência política. Mais de uma dezena de organizações, de diferentes perspectivas políticas e capacidades de mobilização começam a desenvolver ações de agitação e até de luta armada.

Dentro dessas organizações estavam presentes grupos sociais independentes, sindicatos, estudantes e forças insurgentes como as: Forças Armadas Revolucionárias Orientais (FARO), o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), a Organização Popular Revolucionária 33 Orientais (OPR33) e um dos movimentos sociais urbanos mais singulares da América Latina, o Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros.

No campo das Ciências Sociais estabeleceu-se um consenso de que o aprofundamento da crise foi o resultado de um distanciamento cada vez maior entre o sistema político e a sociedade. Nesse sentido Aldo Solari, sociólogo liberal vinculado ao Partido Colorado, adverte que a capacidade do Estado como mediador e redutor das tensões sociais se esgotava em função do divórcio entre a estrutura econômica e a estrutura social²⁵. Para Carlos Real de Azúa os movimentos sociais, e dentro deles os tupamaros, eram a única oposição efetiva a um sistema de partidos que impossibilitava a renovação e a mudança política²⁶.

O historiador Luis Costa Bonino afirma que a crise dos partidos tradicionais é o fator explicativo mais importante para o desenvolvimento do movimento guerrilheiro²⁷. Defende ainda que o clientelismo, a corrupção e a ineficiência estatal haviam sido, num contexto de deterioração econômico-social prolongado e progressivo, as manifestações mais patentes dessa crise. A opção pela luta armada fora à resposta encontrada pela esquerda revolucionária contra o sistema vigente e o estado de alienação política.

Eduardo Rey Tristán propõe que a violência revolucionária é uma resposta a violência estatal²⁸. Como o Estado democrático era uma ferramenta insuficiente para conter o que foi considerado como avanço comunista, o mecanismo utilizado pelo governo foi o desenvolvimento de ações violentas contra indivíduos ou coletividades que foram considerados ameaça à ordem pública. Para enfrentar a radicalização e as reivindicações

²⁵ SOLARI, Aldo. **Estudios sobre la sociedad uruguaya**. Montevideo: Arca, 1964.

²⁶ REAL DE AZÚA, Carlos. **Partidos, política e poder en el Uruguay** – 1971 – coyuntura y pronóstico. Montevideo: Universidad de la Republica – FHC, 1971.

²⁷ COSTA BONINO, Luis. **Crisis de los partidos tradicionales y movimiento revolucionario en el Uruguay**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1988.

²⁸ REY TRISTÁN, Eduardo (org). **La Izquierda Revolucionaria Uruguaya, 1955-1973**. Sevilla, 2005.

de movimentos sociais ativos, num contexto de crise econômica e de protestos sociais intensos, o Estado recrudesciu a repressão e aumentou a violência política.

Para Alain Labrousse a irrupção de guerrilhas não pode ser entendida fora do contexto dos movimentos sociais que se desenvolveram com intensidade crescente no começo dos anos sessenta e a partir da onda expansiva da Revolução Cubana, principal fator motivador do Movimento Tupamaro e de outros movimentos armados que surgira pela América Latina²⁹. Essa proposição enquadra-se na proposta de que o segundo ciclo da Guerra Fria iniciou-se a partir da agudização de uma dialética revolução-contrarrevolução como consequência do impacto que a Revolução Cubana teve sobre o resto do continente. Na mesma linha Alfonso Lessa³⁰ e Hebert Gatto³¹ defendem que o surgimento da organização armada esta menos na sociedade uruguaia dos anos sessenta e mais no furacão revolucionário proveniente de Cuba. O foquismo teria sido o principal componente teórico dessa importação da experiência revolucionária cubana.

Embora o objetivo desse trabalho não seja o foco principal nesses autores, a forma como é analisada a violência política no Uruguai, colocando o MLN-T no centro do debate sobre as reivindicações dos movimentos sociais, oferece a possibilidade de um estudo mais amplo a respeito dos motivos do surgimento e derrota do Movimento Tupamaro.

1.2 Origens

Quando se entende o Movimento de Libertação Nacional–Tupamaros como o resultado de um processo de radicalização política no Uruguai dos anos sessenta é necessário situar seu gérmen na fundação da Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas³², em 1961, e nas primeiras marchas desses trabalhadores³³ da região de Bella Unión³⁴. Corroborando com essa leitura Silvina Merenson afirma:

²⁹ LABROUSSE, Alain. **Historia de los Tupamaros** - de Sendic a Mujica. Montevideo: Fin de Siglo, 2009.

³⁰ LESSA, Alfonso. **La revolución imposible**. Los tupamaros y el fracaso de la vía armada en el Uruguay del - Siglo XX. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2001.

³¹ GATTO, Hebert. **El cielo por asalto**. El Movimiento de Liberación nacional (Tupamaros) y la izquierda uruguaya (1963-1972). Montevideo: Taurus, 2004.

³² Sindicato que representa trabalhadores assalariados das plantações da cana-de-açúcar, em especial, os cortadores de cana.

³³ As chamadas: *Marchas Cañeras*.

³⁴ Segundo Silvia Merenson: “[...] las cinco *marchas* realizadas por la Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas (UTAA), el sindicato que reúne desde 1961 a los cortadores de caña de azúcar, autodenominados *peludos*. Em los años 1962, 1964, 1965, 1968 y 1971 la marchó hacia la ciudad de Montevideo em demanda, primero, del cumplimiento de la legislación laboral y social vigente y, luego, de la expropiación del latifundio”. (MERENSON, 2009, p.72)

Las cinco *marchas* de la UTAA, junto a la fundación del sindicato, su relación con la organización revolucionaria más importante del Uruguay – el Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros (MLN-T) – y el rol desempeñado en este vínculo por Raúl Sendic – abogado de la UTAA y máximo referente y líder histórico del MLN-T vertebran una suerte de relato maestro que indica a los *peludos* de la UTAA y a su acción sindical e política como uno de los eslabones de la cadena de múltiples hechos y acontecimientos que integraran el proceso de radicalización y violencia política en los años sessenta.³⁵

Na pauta de reivindicações da UTAA estava a exigência do cumprimento, por parte dos patrões, de direitos trabalhistas básicos, como a diminuição das horas trabalhadas para oito horas, o pagamento de salários atrasados e a necessidade da Reforma Agrária, demanda essa que foi lema da primeira marcha: “*tierras para trabajar*”; e da segunda marcha: “*por la tierra y con Sendic*”.

A UTAA nasce no departamento de Artigas em Bella Unión, extremo norte do Uruguai, porém após cobertura jornalística sobre as marchas, irrompe na cena política montevideana estabelecendo uma importante aproximação com a esquerda da capital uruguiaia, Sandoval Mercado afirma que “a su vez, la presencia de los cañeros en la capital generó un fenómeno interesante: permitió la unión de distintas facciones de las izquierdas, con la intención de solidarizarse con los peludos”³⁶.

Em 1962, durante o segundo governo *Blanco*, a esperada reforma agrária não aconteceu frustrando as expectativas dos trabalhadores rurais do norte uruguioi; somado a isso houve o recrudescimento do aparato repressivo estatal. A combinação desses fatores forneceu um conjunto de condições políticas para a união de alguns grupos insurgentes em uma nova organização. Segundo Julio Bordas Martínez:

con Luis Alberto Herrera ya fallecido y con la esperanza frustrada de una reforma agraria que nunca ocurrió Raúl Sendic (PSU, UTAA), Jorge Manera (PSU), Julio Marenales (PSU), Carlos Mejías (MRO, MAC), Eleuterio Fernández Huidobro (MRO, MAC), José Mujica Cordano (*Partido Blanco*), Mario Robaina (MRO, MAC), Carlos Flores (MRO, MAC), Jorge Zabalza, Mauricio Rosencof (jornalista de *El Popular, Unión de Juventudes Comunistas*), Gerardo Gatti (FAU), Washington Rodríguez (UTAA, UCJ/MIR), Rubén

³⁵ MERENSON, Silvina. Las marchas de la Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas: La producción ritual de una formación discursiva. IDAES/ UNSAM-CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas). **Anuário de antropologia social**, Montevideo, p. 71-89, 2009. p. 72.

³⁶ SANDOVAL MERCADO, 2013, p.70. *Peludos*: apelido dos trabalhadores das plantações de cana-de-açúcar do norte Uruguai. Por sua ligação com a terra, a rudeza do trabalho e em analogia a um redor local os *cañeros* se autodenominam *peludos*. É possível admitir que as elites urbanas usem o apelido como uma adjetivação pejorativa pelo aspecto cabeludo, barbudo e pelas vestes pobres, comuns aos trabalhadores do campo.

Navillat (independiente) y Martínez Platero (independiente), fundam El *Coordinador*.³⁷

Em *História del Movimiento de Liberación Nacional–TUPAMAROS–* Julio Marenales afirma: “El apoyo militante al movimiento de los trabajadores cañeros se agrupó en un organismo que se denominó *Coordinador*, que precisamente, coordinaba la acción de las distintas personas que estaban realizando el trabajo solidário”³⁸.

O *Coordinador* incluía quatro grupos, com raízes próprias: os *cañeros* do UTAA, encabeçado por Raul Sendic, o *Movimiento Revolucionario Oriental* (MRO), especialmente o grupo que mais tarde sai do MRO e adere ao *Movimiento de Apoyo al Campesino* (MAC), fundado por Eduardo Pinela; o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR); um grupo de anarquista saídos de quatro vertentes: *Federación Anarquista Uruguaya* (FAU), *Agrupación Libertaria Uruguaya* (ALU), *Voluntad* e um grupo independente. As organizações de origem anarquista formariam, mais tarde, o *Movimiento da Acción Revolucionaria* (MAR).

No âmbito da violência política, o *Coordinador* lembra mais um grupo de autodefesa ou uma organização guerrilheira de ação direta? Como pode ser de autodefesa quando desejava passar a um estado superior de guerra? A resposta a essas questões pode ser encontrada nas palavras de Clara Aldrighi e Sandoval Mercado.

Clara Aldrighi afirma que a principal função estratégica do *Coordinador* foi de defesa:

el *Coordinador* fue una organización que se propuso cumplir funciones de defensa del movimiento popular contra la represión policial y las bandas fascistas, activas desde principios de los sesenta, impulsar y apoyar la combatividad de las luchas de masas con acciones de enfrentamiento radical y comenzar a transitar el camino de la lucha armada con objetivos revolucionarios, sin proponerse desatarla en lo inmediato.³⁹

Sandoval Mercado, a partir de depoimentos de integrantes do MLN, acrescenta que:

De acuerdo a la historia tupamara, hecha por Fernández Huidobro; la biografía de Sendic, la de Rosencof y Mujica (ambas de Miguel Ángel Campodónico);

³⁷ MARTINEZ, Julio Bordas. **TUPAMAROS: Derrota Militar, Doble Metamorfosis Política Y Victoria Judicial Y Electoral**. Montevideo, 2014, p. 41. Obs: as informações referentes à militância de cada um são minhas, usando como fonte Sandoval Mercado (2013) e Clara Aldrighi (2001).

³⁸ MARENALES, [19--] p. 04.

³⁹ ALDRIGHI, 2001, p. 73.

además de testimonios de ex-tupamaros como los del “Flaco” Rodríguez Belletti, el “Loco” Rivera Yic, “Colacho” Estevez y Jorge Torres apuntan a que el MLN era más un grupo de acción que un grupo de defensa. El Coordinador como apunta Aldrighi era un grupo de autodefensa y también era un grupo que se encargó de labor logística y de apoyo a los peludos; no así el MLN.⁴⁰

O grupo nasce com o objetivo de apoiar os *cañeros* em suas reivindicações, coordenar as ações de insurgência dos grupos que o compunham e defender os militantes da violência promovida pelas forças policiais e pelos fascistas.

Em *Historia del Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros* Julio Marenales, no subtítulo *la identidad tupamara*, informa que haviam duas teses propostas quanto ao modo de como conduzir a luta política: “Una tesis sostenía el planteo clásico del partido político con su aparato armado. La otra tesis, proponía un planteo estratégico defensivo, y la estructuración de una organización político-militar.”⁴¹

A opção pela luta armada como estratégia foi a vencedora:

Se aprobó la tesis político-militar, se estructuró un reglamento, se aprobó una Estrategia Defensiva, pues la correlación de fuerzas era totalmente desfavorable para el movimiento popular. Iba a ser una organización clandestina, cuya primera tarea sería construir las bases materiales para una organización de este tipo. Sus objetivos políticos serían una paciente acumulación de fuerzas, más precisamente, una contribución a la acumulación de fuerzas del campo popular, ya que nunca se pensó que una sola fuerza política sería capaz de resolver los problemas de un país.⁴²

Numa visão retrospectiva pode-se dizer que o *Coordinador* teria sido uma “zona de transição” entre o movimento dos *cañeros*, e o encontro destes com a esquerda revolucionária montevideana, e a fundação do *Movimiento de Liberación Nacional*.

O ex-líder tupamaro Eleutério Fernandez Huidobro considera o *Coordinador* uma experiência importante na construção do MLN: “Por ello, en su momento – setiembre de 1963 - el Coordinador fue, sin duda, un paso adelante y por vários meses cumplió un rol positivo en el desarrollo de lo que vendría a ser o MLN”⁴³ e ofereceu a possibilidade de discussões sobre táticas e estratégias, planejou ações e trocou experiências; porém a diversidade ideológica na sua constituição e a autonomia de ação que cada grupo tinha foram determinantes ao seu fim.

⁴⁰ SANDOVAL MERCADO, 2013, p. 73.

⁴¹ MARENALES, Julio. Breve historia del M.L.N. / Tupamaros. *CEME*: Centro de Estudios Miguel Enriquez, Chile, 2005, p.3.

⁴² Idem.

⁴³ HUIBODRO, 1988, p.107.

Em maio de 1965, no balneário *Parque del Plata* a organização *Coordinador* tem encerrada as suas atividades, para Clara Aldrighi:

Con aproximadamente dos tercios de sus integrantes (esencialmente los provenientes del PS, el MAC y el MIR, junto a varios cañeros de UTAA), en esse momento se constituyó el MLN como formación política autónoma. Los anarquistas de la FAU – representados por Gerardo Gatti – no adheriram a la propuesta de crear una nueva organización revolucionaria, puesto que ya integraban una, del acual aceptaban programa y estrategia.⁴⁴

A partir da Convenção de janeiro de 1966, no balneário El Pinar, se estabeleceu a identidade dos Tupamaros. Em Documentos Políticos Julio Marenales informa:

Se salió de la Convención sin nombre, que se adoptó meses después. La Convención se efectuó en enero de 1966. La designación de la nueva organización con Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros tiene como fundamento la manera cómo el MLN há entendido y entiende que se darán los procesos de lucha político-social en nuestros países.⁴⁵

Nesse momento, quando assume sua identidade, o Movimento decide abandonar sua posição de braço armado da esquerda insurgente uruguaia e opta por assumir, como grupo independente, a vanguarda revolucionaria. No *Reglamento de la Organización* em seu artigo primeiro estava definido o que deveria ser o MLN:

El MLN aspira a ser la vanguardia organizada de las clases explotadas en su lucha contra el régimen. Es la unión voluntaria y combativa de quienes son conscientes de su deber histórico; por lo tanto el MLN trata de guiar al pueblo uruguayo por el verdadero camino de su liberación definitiva, que se concretará en la formación de una Sociedad Socialista y une sus fuerzas a la lucha de liberación que va desatando en todo el Continente Americano.⁴⁶

Embora o exagero no heroísmo e nas expectativas do Movimento⁴⁷ o grupo tornou-se uma organização política revolucionária autônoma, colocando na ação direta – luta armada – o seu *modus operandi*. As células passaram a ser a base da organização, formadas com no mínimo dois integrantes, com um responsável nomeado pelo Comitê Executivo (CE) e vinculados diretamente a ele. O órgão máximo era a Convenção

⁴⁴ ALDRIGHI, op. cit., p. 74.

⁴⁵ MARENALES, 2005, p. 04.

⁴⁶ COSTA, Omar. **Los tupamaros**. México: Ediciones Era, 1971 (Colección Ancho Mundo), p. 87.

⁴⁷ O PC tinha maior representatividade junto a esquerda e mesmo maior número de militantes. No Documento nº 5, emitido pelos Tupamaros em julho de 1971 eles admitem: “el Partido Comunista es la fuerza más importante y la que más opera realmente en la realidad política. Nuestra táctica em relación a él há destrado ser inmejorable y corresponde mantenerla. Su fuerza: 16.000 en 1966, crecimiento en 1968/69: 18.900.”

Nacional que tinha como tarefas: “a) modificar el Reglamento; b) elegir nuevo CE o modificar el existente; c) elaborar el Programa del MLN; d) disolver el MLN.”⁴⁸

Em fins de 1967, o Movimento passou a organizar-se em colunas e foi dividido em três setores: 1) militar; 2) serviços; 3) setor político, voltado à aproximação com as massas. Clara Aldrighi adverte que a possibilidade de crescimento ficou liberada da decisão dos comandos o que provocou um desequilíbrio numérico entre as colunas, adquirindo um peso maior as que recrutavam estudantes ou na área social das classes médias.⁴⁹

O ano de 1968 foi bastante significativo ao MLN-T. Em janeiro de 1968 foi realizada a segunda Convenção Nacional, ainda sob o impacto dos acontecimentos de dezembro de 1966⁵⁰, a fim de fazer um balanço sobre os rumos que tomava a Organização. Nessa situação foi redigido o Documento nº 2 que além da autocrítica referente ao excesso de militarismo e de “izquierdismo”, definem os elementos de funcionamento. O documento é dividido em quatro blocos: 1) O MLN não é um organismo estático e acabado, o que reitera as premissas de que as ações importam mais do que palavras e de que a teoria acompanha a experiência concreta; 2) o centralismo, a disciplina e a democracia, diante do crescimento do MLN e a dificuldade de manter-se organizado; 3) a formação dos companheiros, tentando reparar o “izquierdismo”; 4) as tarefas frequentes de formação, informação, recrutamento, propaganda e finanças.

Esse foi o momento de maior crescimento quantitativo, os editores argentinos de *Actas Tupamaras* indicam que 1970 constituiu o auge do movimento, argumentando que segundo estimativas das próprias Forças Armadas uruguaias, o MLN-T chegou a ter dez mil pessoas organizadas⁵¹, embora seja números discutíveis, talvez publicados ao sabor do entusiasmo e do triunfalismo expresso nas *Actas Tupamaras*, o entusiasmo é aceitável, pois é simultâneo ao franco crescimento da organização, que nesse momento contava com cinco colunas – 5, 10, 15, 70 e 7, correspondente ao interior do país, cada coluna oscilava entre cinquenta e duzentos e cinquenta integrantes; uma conta simples de multiplicação não chega nem perto do número projetado pelos editores argentinos.

⁴⁸ Reglamento de la Organización in: COSTA, 1971, p. 89.

⁴⁹ ALDRIGHI, 2001, p.113.

⁵⁰ Em 22 de dezembro de 1966, o Movimento sofre sua primeira baixa: Carlos Flores, de 23 anos, morre vítima de um tiro na cabeça em enfrentamento com a polícia.

⁵¹ ACTAS TUPAMARAS, 2003, p. 8.

Clara Aldrighi ao citar José “Pepe” Mujica informa números mais condizentes, levando em conta a quantidade dos militantes em função dos diferentes níveis de compromisso e não só se limitando aos combatentes: “José Mujica estima que, en su momento de mayor auge, el MLN conectaba en los distintos niveles de compromiso aproximadamente cinco mil personas y que su área de influencia llegaba a las treinta mil⁵², embora seja muito complicado mensurar o nível de influencia de um grupo guerrilheiro sobre uma população que ainda estava inserida num contexto de Estado “democrático”.

Em outra perspectiva, José Pedro Cabrerá Cabral defende que “não chegaram ao triunfo político que implicava ganhar as grandes massas, nem obtiveram o êxito militar que perseguiram”⁵³, porém é difícil contestar que o Movimento teve um crescimento importante de militantes.

Aldrighi relata que “el MLN en particular, que en 1967 integrabam apenas unas cincuenta personas, tuvo un substancial crecimiento a partir de las movilizaciones sociales de 1968/1969”⁵⁴. Os documentos das Forças Armadas corroboram tal afirmação quando indicam nas páginas 375 e 382 que em 1970 eram aproximadamente 1.200 integrantes, passando a 4.200 em 1971⁵⁵.

⁵² ALDRIGHI, 2001, p. 105.

⁵³ CABRAL, 2007, p.167.

⁵⁴ ALDRIGHI, 2001, p.10.

⁵⁵ REPUBLICA ORIENTAL URUGUAY. Juntas de Comandantes en Jefe. **Las Fuerzas Armadas al Pueblo Oriental**. Montevideo, 1976. Tomo 1 (La subversión), p. 375 e 382.

2 ARMAR-SE E CRESCER

*el tango tupamaro es contra el hambre
contra la impunidad y la injusticia
el tango tupamaro lucha y arde
se crece y se contagia y multiplica...*
Miguel A. Olivera⁵⁶

Para o historiador José Pedro Cabrera Cabral foram colocados dois desafios históricos ao MLN, estipulados por sua estratégia de curto e médio prazo, quando desejou tornar-se a vanguarda revolucionária: “1) como a organização e seu método passariam a ganhar as grandes massas; 2) como a organização e seu método passariam a uma etapa superior de guerra, a uma etapa na qual se destruísse o aparelho armado que sustentava a oligarquia.”⁵⁷

Neste capítulo pretende-se responder a primeira proposição do historiador, ou seja, perceber até que ponto a estratégia político-militar de aproximação com as massas e o aumento da repressão do Estado, com a chegada ao poder de Jorge Pacheco Areco, foram instrumentos que ofereceram as condições necessárias para o aumento de militantes do MLN-T no período compreendido entre a fundação da UTAA (1961) e 1969, o momento final da chamada fase *Robin Hood*, e se este crescimento quantitativo foi um fator decisivo para a impossibilidade da manutenção do aparato armado e, conseqüentemente, elemento explicativo da derrota militar ocorrida em 1972.

2.1 Violentos e corteses⁵⁸

No período compreendido entre 1962 e 1969, duas foram às principais características que instrumentalizaram o Movimento no desenvolver de sua estratégia de aproximação com as massas: a chamada fase *Robin Hood*, em referência ao bandido/herói que além de roubar dos ricos e doar aos pobres é o sujeito que luta por uma causa justa contra um inimigo cruel e poderoso; e a ética guerrilheira, entendida como a ação de

⁵⁶ OLIVERA, Miguel Angel. **El Tango Tupamaro**. Montevideo: Editora Poetas (a)costados, 2013.

⁵⁷ CABRAL, 2007, p.166.

⁵⁸ PRIETO, Marina Cardozo. Violentos y Corteses. Acerca de la violencia en el MNL-Tupamaros, a partir de algunas categorías de Norbert Elias*. *Prácticas de oficio: Investigación y reflexión en Ciencias Sociales*, n. 4, ago 2009. Publicación del Posgrado en Ciencias Sociales UNGS-IDES.

resguardar e atender os regulamentos estabelecidos pela organização no que tange a defender as classes populares e no enfrentamento aos “agentes ejecutores de la política estatal, de la oligarquía económica o del imperialismo.”⁵⁹

Marina Cardozo Prieto em seu artigo *Violentos y Corteses - Acerca de la violencia en el MNL-Tupamaros* - a partir de algunas categorías de Norbert Elias, informa que:

en tiempos del *Coordinador*, y más tarde, ya constituido el MLN-T, los militantes, de estas organizaciones fueron denominados por la prensa como los *Rodin Hood*. Medios extranjeros como la revista estadounidense *TIME*, publicaran artículos sobre el MLN-T refiriéndose al movimiento como “los Robin Hood de la guerilla.”⁶⁰

O artigo a que se refere à autora foi reproduzido pelo jornal *Marcha*: «Los Robin Hood de la guerrilla»:

[...] despiertan admiración y simpatía entre los 2.600.000 uruguayos. Sus osadas y bien planeadas acciones, su habilidad en las relaciones públicas, su sentido del humor y su estilo, les confieren la imagen de modernos Robin Hood, robando al rico para dar al pobre, exponiendo los errores y la corrupción y riéndose del gobierno en sus narices. Aunque ha habido varios robos de armas de los arsenales gubernamentales, han sido poco utilizadas. Quizás los tupamaros quieran evitar herir inocentes y manchar su reputación de Robin Hood.⁶¹

A partir das informações oferecidas por Marina Cardozo Prieto (2009) encontramos quatro possíveis motivos para estabelecer uma relação entre os Tupamaros e o herói mítico inglês do século XII: 1) certas ações de expropriações resultaram em repartição de alimentos em zonas carentes de Montevideo; 2) no âmbito da luta armada existiram duas práticas distintas com relação ao exercício da violência, uma militar-irracional, fria e mecânica mantida pela estrutura estatal e outra mais humanizada, a violência humana-tupamara; 3) houve ações armadas que podem ser consideradas como uma violência cortês, limpa, sem feridos ou troca de tiros; 4) os regulamentos e regras da organização enfatizam a moral dos militantes e, por consequência, estabelecem um comportamento ético nas ações armadas.

⁵⁹ ALDRIGHI, 2001, p.155.

⁶⁰ PRIETO, op. cit.

⁶¹ MARCHA. **Los Robin Hood de la guerrilla**. Montevideo, 23 mayo, 1969, p. 21.

A ética guerrilheira confunde-se com a moral tupamara descrita por Clara Aldrighi: “en principio, los tupamaros utilizaban, para regular su comportamiento bélico, criterios derivados del *jus in bello* el código que en la teoría de la guerra justa define los comportamientos lícitos e ilícitos en guerra”⁶², propondo-se a não atacar civis, não torturar prisioneiros e a oferecer especial atenção a quem sofria com a pobreza:

La devolución del dinero correspondiente a los empleados, si há sido llevado por error junto con el del capitalista, la reparación del daño cometido involuntariamente contra un hombre modesto, servirá más – para definir la ideología de la guerrilla ante el pueblo – que el más elocuente de los manifiestos.⁶³

Em *Reglamento Moral*, no capítulo que trata das expropriações, estava previsto a proteção aos trabalhadores:

Con la propiedad de los trabajadores, los pequenos comerciantes y pequenos productores, debemos proceder com absoluto respeto, y cuando por razones de fuerza mayor nos vemos obligados a utilizarlas, procuraremos que el daño sea mínimo.⁶⁴

Uma análise sobre as operações realizadas pelo grupo insurgente permite levantar algumas conclusões acerca do método utilizado, dos objetivos propostos, das características dos expropriados e da quantidade de mortes ocorridas nessas operações, estabelecendo uma relação entre as operações guerrilheiras e a possível conquista de novos integrantes, tendo em vista a fase *Robin Hood* e a ética guerrilheira.

2.2 Mais do que palavras: ações armadas

A principal característica da organização, no que diz respeito a sua estratégia, é a ação. Para além das palavras, importam os atos, os feitos realizados pela luta armada e, a partir desses feitos, a busca por tornar-se uma guerrilha com certo respaldo popular:

⁶² ALDRIGHI, 2001, p.154. Segundo Clara Aldrighi: a partir do reconhecimento do *jus ad bellum* – o direito de empreender um conflito armado, ou uma guerra, pela existência de um motivo justo e uma justa intenção – se determina o *jus in bello*, ao definir que os meios bélicos são considerados lícitos para conquistar a vitória (ALDRIGHI, 2001 p. 07).

⁶³ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras*. Argentina, Ediciones Cucaña, 2003, p. 21.

⁶⁴ COSTA, op. cit., p. 92.

Interesa destacar acá cuáles fueron las ideas que en los orígenes marcaran esa escisión y nuestra incipiente personalidad. Ellas fueron: 1) negación de la posibilidad de acceder al poder por vías pacíficas; 2) necesidad de la lucha armada y su preparación inmediata; 3) la acción como promotora de consciencia y unidad; 4) la necesidad de definir la línea política propia por la acción afirmativa y no por la negación sistematizada de las ajenas.⁶⁵

Nas primeiras operações, os insurgentes têm como premissa denunciar a miséria, a disparidade social provocado pelo Estado burguês e mostrar sua capacidade de empreender uma violência defensiva e “justificada”, pois enquanto a pobreza e a miséria eram os resultados da política elitista do governo, o grupo repartia os alimentos roubados com a população pobre e realizava operações planejadas e executadas com o mínimo derramamento de sangue.

Algumas ações realizadas durante o período do *Coordinador* (1963 a 1965) foram para apetrechamento, como o roubo de armas nas operações *Tiro Suízo* e *Aduana de Bella Unión*, arrecadação de dinheiro, como na operação *Banco Cobranzas*, e aproximação com comunidade pobre, como é o caso da *Operação Cantegriles*.

A *Operação Cantegriles* aconteceu em 24 de dezembro de 1963, quando um grupo de jovens, o *Comando Juvenil José Artigas*, realizou a expropriação de alimentos transportados em um caminhão da *Companhia Manzanares S.A.* e repartiu a carga entre a população do cantegril⁶⁶ de Aparicio Saraiva. Este tipo de operação consolidou a imagem *Robin Hood*, que se projetou sobre a organização.

Sobre a Operação Tiro Suízo o jornal *El Día* sentencia: “*los autores del robo responden a una organización subversiva de un grupo extremista de filiación totalitaria*”⁶⁷. Uma análise mais demorada sobre o fato permite esclarecer que o *Tiro Suízo* teve um caráter mais simbólico do que efetivo, servindo de propaganda, tendo em vista que os fuzis expropriados, sem condições práticas de uso, pouco serviram para as ações armadas.

Ainda nessa fase ocorreu a subtração de armas da Aduana de Bella Unión, na fronteira com o Brasil. O jornal *El Día* relatou a facilidade do roubo: “*insólitamente este resguardo, en el que se almacenan las mercaderías incautadas, queda de noche sin*

⁶⁵ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras*. Argentina, Ediciones Cucaña, 2003, p. 38.

⁶⁶ Favela.

⁶⁷ EL DÍA, 06 set. 1963, p. 10.

guardia, protegida únicamente por los débiles elementos – candado y cerradura”⁶⁸; o que o jornal não conta é que devido ao planejamento a ação ocorreu sem confrontamentos entre os insurgentes e os guardas.

A imprensa uruguaia vai registrando o teor dessas ações que não encaixam na lógica até então existente. Assim o assalto ao Banco de Cobranzas recebe do diário *Acción* a seguinte manchete:

“TRES CAÑEROS ASALTANTES”

Tres integrantes del campamento de cañeros de Artigas realizaron ayer un atraco contra el Banco de Cobranzas. En plena fuga, tras un intenso tiroteo con la policía, cayeron detenidos en la Plaza de los Olímpicos, no sin antes pelear cuerpo a cuerpo con los agentes. Resultaron heridos, un delincuente y un agente de policía. Los asaltantes fueron identificados y pertenecen a la agrupación UTAA.” Los presos explicaron que el assalto era una forma de lograr fondos para seguir subsistiendo en el acampamento del Palacio Legislativo⁶⁹.

Este fato registra a primeira vez que o enfrentamento teve como resultado alguém ferido, embora os tiros tenham acertado os joelhos dos alvejados, sem risco de morte.

Em 1965 a cobertura dos jornais começa a ser maior para os fatos que envolvem situações que indicam que não se está diante de formas de delito provocado por motivações criminosas e individuais. Em agosto de 1965 *El Día* registra que:

A las 23:30 del 9 de agosto se produjo una violentísima explosión en el portón de entrada de la empresa Bayer ubicada en la calle Yaguarón casi Paysandú. Una pareja que llegó en moto colocó una bomba que ocasionó roturas de vidrios en esa firma así como en otros negocios de la zona. Se encontraron panfletos con la siguiente leyenda: “Mueran los yanquis asesinos del Vietnam frente a la intervención asesina en Vietnam. Los pueblos oprimidos se unen para aplastar al enemigo común. La Bayer empresa nazi ayuda con gases tóxicos a la intervención de los gringos. Fuera los gringos liberticidas. Viva el Vietcong. Viva la revolución: TUPAMAROS.”⁷⁰

Nesse momento passaram a ser adjetivados como terroristas, como inimigos da ordem e da democracia. *El Diario* publicou, no dia 11 de Agosto, uma manchete que indicava:

“*ES INMINENTE LA CAPTURA DE LA CÉLULA TERRORISTA*”: *Por lo menos dos miembros de la organización terrorista “Tupamaros” iban a ser detenidos en las*

⁶⁸ EL DÍA, 12 jan. 1964, p. 15.

⁶⁹ DIARIO ACCIÓN, 12 jun. 1964, p.6.

⁷⁰ EL DÍA, 10 agost. 1965, p. capa.

próximas horas por personal del Departamento de Inteligencia y Enlace”⁷¹. A imprensa e a população começavam a ter ciência da existência dos tupamaros. Embora os jornais oficialistas desqualificassem o grupo armado taxando-o de extremista, subversivo e terrorista as informações não davam conta de confrontos , feridos, mortes ou assassinatos, o que passa essa idéia de ações planejadas com o intuito de evitar violência e vítimas.

Com o período de 1966 até 1969, momento de estabelecimento do nome *Tupamaros*, surgem as primeiras mortes nos enfrentamentos, o *Diário Acción* publica:

“*IDENTIFICAN AL MUERTO; UN ARSENAL EN SU CASA*”

[...] la Policía logró la identificación del hombre muerto en el tiroteo de esta mañana. Resultó ser Carlos Alberto Flores Alvarez, uruguayo, casado de 22 años, padre de dos criaturas, que se domiciliaba en Carlos de la Vega 3982 Apto. 2. Un rápido allanamiento efectuado en la finca, permitió el secuestro de regular cantidad de armas, las que al parecer son parte de las robadas en la Armería “Del Cazador” en la Av. Uruguay”⁷².

As mortes começam a acontecer, sobre a morte do Comissario de Polícia Silveira Regalado o jornal *Acción* destaca:

“*TERRORISTAS: MATAN ALEVOSAMENTE A UN COMISARIO POLICIAL.*

Al Allanar una Guarida Fue Atacado por la Espalda; el Homicida Se Quitó la Vida”

Atacado por la espalda cuando efectuaba un allanamiento en una chacra de Canelones, cayó esta madrugada bajo el plomo criminal, el Comisario Antonio Silveira Regalado, a cargo del Servicio de Radio Patrulla de la Jefatura de Policía de Montevideo. La muerte del joven e inteligente funcionario ha sido recibida por nuestra población con gran pesar, ya que Silveira Regalado había puesto en la defensa de la sociedad sus mejores condiciones de funcionario y de hombre, llegando muchas veces a exponer su vida que, lamentablemente, perdiera esta madrugada.⁷³

Embora a versão tupamara sobre a morte do comissário de polícia Silveira Regalado informe que o mesmo pode ter sido alvejado por tiro “amigo”.

⁷¹ EL DIÁRIO, 11 agost. 1965, p. 20.

⁷² DIARIO ACCIÓN, 22 jan. 1966, p. 8.

⁷³ DIARIO ACCIÓN, 27 dic. 1966, p. capa.

O sequestro foi uma das principais estratégias utilizadas pelos tupamaros, tanto como forma de negociar a liberdade de presos quanto para tornar público os objetivos da organização. Quando do sequestro de Pereira Reverbel o *El Diario* assim trata:

“*TUPAMAROS: ASUMEN LA RESPONSABILIDAD. Distribuyeron Comunicado*”

Cerca de las diez de la mañana, varias radioemisoras de la capital recibieron un sobre azul conteniendo un comunicado del llamado Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros) en el que explican las razones del secuestro del Presidente de UTE, Dr. Ulysses Pereira Reverbel. El comunicado está mimeografiado y firmado por el Comando "Mario Robaina Méndez", teniendo como distintivo una estrella que a su vez contiene una gran T con la sigla MLN. Hasta el momento, se conocían las acciones del Comando Carlos Flores grupo que llevaba el nombre del tupamaro muerto, a fines de 1966, en un violento tiroteo con la policía, a la altura de Burgues y Br Artigas. Ese comando fue responsable del hurto de una gran cantidad de gelinita en Pan de Azúcar en enero de este año⁷⁴.

Depois de solto o presidente da UTE e conselheiro do presidente Pacheco Areco, em entrevista fala de seu rapto:

- *Le dijeron por qué lo habían raptado?*

- *Dieron a entender que era con fines publicitarios. Creen es una manera de llegar a nuestro pueblo.*⁷⁵

A proposta de instigar e atingir somente o Estado e os agentes da repressão parece ter sido cumprida, o cientista político Julio Bordas Martínez afirmar que:

La minimización del número de víctimas tenía que ver con la propia política del MLN-T que tenía miedo a ser confundida, como al final ocurrió, con una organización terrorista [...]. En realidad, los tupamaros no parecían guerrilleros; sino un partido político que recurría a la violencia para conseguir rápidamente tanto financiación (como hacen los bandoleros), como el poder que las urnas no le concedían (como hacen los terroristas).⁷⁶

O que é preciso esclarecer é que o Movimento Tupamaro dentro de sua concepção ideológica difere-se bastante de simples ladrões e de um grupo que comete a violência para tomar o poder, sem preocupar-se a quem ataca.

O diário *Acción* oferece uma visão acerca do quanto às ações foram importantes na divulgação da Organização:

⁷⁴ EL DIARIO, 7 agost. 1968, p. 7.

⁷⁵ COSTA, 1971, p. 123.

⁷⁶ MARTINEZ, Julio Bordas. **TUPAMAROS: Derrota Militar, Doble Metamorfosis Política Y Victoria Judicial Y Electoral.** Montevideo, 2014, p. 66-67.

“TUPAMAROS”

La nueva irrupción del Movimiento Nacional de Liberación (Tupamaros), lá más espectacular desde que se tuvo notícias de su existencia, há estimulado el interés público por conocer aspectos de una organización sobre la cual se han dado publicidade las más variadas versiones⁷⁷.

Dos objetivos estabelecidos para esse período: trazer ao conhecimento o MLN-T; denunciar a miséria, a exploração do trabalho e a disparidade social; instrumentalizar-se com recursos financeiros e armas para fazer a revolução e crescer no número de militantes, este último foi alcançado. Segundo Clara Aldrighi: “El MLN en particular – que en 1967 integraba apenas unas cincuenta personas tuvo un substancial crecimiento a partir de las movilizaciones sociales de 1968/1969.”⁷⁸

2.3 A chegada ao poder: Jorge Pacheco Areco

Nas eleições presidenciais de 1966 o Partido Colorado voltou ao poder, com a vitória do general da reserva Oscar Gestido, “o que parecia ser uma nova cota de confiança nos *colorados* e no perfil austero e experiente de Gestido virou incerteza, quando o mesmo faleceu, quase um ano após a sua eleição.”⁷⁹ Com a morte de Gestido assume a presidência seu vice-presidente Jorge Pacheco Areco, que quando parlamentar “habia sido orlado de la mayor opacidad: nadie, entre sus pares, recordaba un discurso o una inciativa del actual presidente.”⁸⁰

A ascensão de Pacheco Areco foi o sinal de uma rápida guinada na escalada repressiva. Poucas horas após assumir ordenou o fechamento dos jornais *Época* e *El Sol*, alinhados com a esquerda uruguaia, ambos foram “proibidos sob a acusação de patrocinar a luta armada e de serem vinculados à Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).”⁸¹ A seguir dissolveu seis partidos e organizações de esquerda, sob a acusação de subversão: o Partido Socialista, a *Federación Anarquista Uruguay*, o *Movimiento Revolucionario Oriental*, o *Movimiento de Acción Popular Unitaria*, o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* e *Partido Obrero Revolucionario*.

⁷⁷ DIARIO ACCIÓN, 8 agost. 1968, p. 2.

⁷⁸ ALDRIGHI, 2001, p.10.

⁷⁹ PADRÓS, 2011, p. 02.

⁸⁰ OMAR, 1971, p.45.

⁸¹ PADRÓS, idem.

Entre 1962 e 1969, foram tomadas medidas que alimentaram a impopularidade do governo e ofereceram condições à radicalização dos movimentos sociais, para Clara Aldrighi “fue la vocación autoritaria de la derecha política que controlaba el poder del Estado, la que acentuó la radicalización del movimiento sindical y estudiantil.”⁸²

Três pacotes de medidas governamentais foram determinantes ao acirramento da luta de classe. O primeiro relaciona-se com a representatividade do próprio governo ao reestruturar seu perfil ministerial. De fato os políticos desaparecem dos gabinetes substituídos por técnicos, empresários alinhados com as exigências do FMI e pouco preocupados com os compromissos políticos-partidários. Dentre eles foram nomeados Jorge Peirano Facio (latifundiário, proprietário e presidente do *Banco Mercantil del Río de la Plata*, ligado aos interesses dos Rockeller) como Ministro da Indústria e Comércio; Carlos Frick Davie (latifundiário, associado a um grupo de banqueiros de Boston e advogado de frigoríficos estrangeiros) como Ministro da Ganadería y Agricultura; Venancio Flores (ligado a latifúndios, representante da família Ferrés que controlava a *Unión de Bancos Del Uruguay*) como Ministro das Relações Exteriores; José Serrato (empreiteiro, membro da diretoria da *Ferros malt* e de *Cristelerías del Uruguay*) Ministro de los Transportes y Obras Públicas; entre outros.

Isto acarretou resultados imediatos no sentido de refinanciamento da dívida externa junto ao FMI, desvalorização do peso frente ao dólar, inflação chegando a 137% ao ano, especulação financeira, evasão de capital, corrupção e desnacionalização de setores estratégicos como o transporte aéreo e a telefonia. Um segundo conjunto de medidas relaciona-se com o congelamento de salários e fictício congelamento de preços, segundo Omar Costa:

la medida aconsejada por FMI se adoptó a finales de junio de 1968, es decir con un mês de antelación, precisamente, al ajuste salarial de la mayoría de los sindicatos, pero semanas antes – y en algunos casos horas antes – de que el comercio y la industria impusieran el aumento de los precios de sus productos.⁸³

O terceiro conjunto de medidas vinculou-se a uma das principais características da nova administração, o desencadeamento de uma violenta repressão contra os movimentos sociais, em especial ao movimento estudiantil. Em 13 de julho de 1968 foram impostas as MPS. Dirigentes sindicais e estudiantis foram presos, “miles de militantes fueron privados

⁸² ALDRIGHI, 2001, p.11.

⁸³ COSTA, op. cit., p. 49.

de su libertad y enviados a los cuarteles de Montevideo y del interior del país.”⁸⁴ Os sindicatos foram militarizados, também os funcionários públicos, o governo recorreu à “policia e ao Exército para resolver situações que não encontravam mais os tradicionais mecanismos políticos de negociação”⁸⁵. Na prática, as *Medidas Prontas de Seguridad*, eram o antecedente do golpe que viria em 1973.

O recrudescimento da violência por parte do Estado intensificou a luta de classes e o confronto social. Para Enrique Serra Padrós “A escada autoritária da administração Pacheco Areco foi marcada pela banalização e utilização indiscriminada das MPS, acentuando a insegurança geral e acelerando o processo de radicalização e confronto social.”⁸⁶

O resultado imediato desse processo de radicalização foi o aumento considerável de militantes junto aos grupos da esquerda radical, em especial ao MLN-T, que cresceu muito em função de uma considerável adesão de jovens estudantes ao Movimento e da criação do CAT (centro de apoio tupamaro). A criação do CAT foi anunciada em setembro de 1971; se tratava de organizar um cinturão de apoio nos bairros, sindicatos, centros de estudo, etc. Seu perfil era de clandestinos, porém não eram ligados organicamente à guerrilha no sentido militar e sim encarregados de ações como propaganda, informações e recrutamento.

O surgimento da Frente Ampla, em 1971, abriu espaços junto aos militantes da coalizão de esquerda que se organizaram nos *Comités de Base*⁸⁷, espalhados por todo Montevideo e pelo interior do país, no seu interior se estabeleceram núcleos políticos simpatizantes dos tupamaros, articulados sob a denominação de *Movimiento Independiente 26 de Marzo*, representado na mesa executiva da Frente Ampla pelo escritor Mario Benedetti. Nesses comitês da Frente Ampla se agruparam gente do povo: operários, artesãos, pequenos comerciantes e aposentados.

⁸⁴ OMAR COSTA, 1971, p. 49.

⁸⁵ PADRÓS, 2011, p. 04.

⁸⁶ PADRÓS, idem, p. 06.

⁸⁷ Foi fundada em 5 de fevereiro de 1971 a Frente Ampla foi é uma coalizão eleitoral de esquerda no Uruguai, criada na tentativa de eleger Líber Seregni à presidência da República nas eleições desse mesmo ano, atuou como força política e simultaneamente como movimento popular através dos chamados *Comités de Base*. O *Estatuto del Frente Amplio* no seu cap. 2º art. 25º, assim define os *comités*: “ Los Comités de Base se integran con todos los adherentes de una misma zona, especialmente determinada. Se constituirán en forma amplia y convocarán a todos los frenteamplistas de la respectiva zona, sin distinción alguna por su participación organizada en cualesquiera de los sectores políticos integrantes del F.A., o por su condición de no sectorizado.” Disponível em <http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Uruguay/EPFA/ESTATUTO1994.pdf>. Acesso em: 04/12/2018.

Quanto à adesão de jovens estudantes ao MLN-T Clara Aldrighi entende que uma das causas foi a incapacidade do governo em atender as expectativas dos estudantes no que diz respeito a encontrar um mercado de trabalho mais condizente com a qualificação estudantil:

en el marco global de la crisis económica, uno de los factores que incidió en el descontento juvenil fue la discriminación de los recursos estatales asignados a la educación y la incapacidad del sistema económico de remunerar, como poco tiempo atrás, el trabajo de acuerdo a la calificación educativa.⁸⁸

Some-se a isso uma política estatal de forte repressão ao movimento estudantil. Como exemplo disso, há uma sequência de fatos que marcaram o ano de 1968, dentro da especificidade do movimento estudantil uruguaio. Assim o aumento das passagens do transporte coletivo em maio de 1968 provocou manifestações de estudantes tão intensos que o governo, que já enfrentava mobilizações contra o congelamento de preços e salários, decretou pela segunda vez MPS.

Poucas semanas depois, em agosto, o Ministro do Interior Eduardo Jimenéz ordenou uma invasão à *Universidad de la Republica*, nas Faculdades de Agronomia, Arquitetura, Medicina e na Escola de Belas Artes, sob o pretexto de procurar armas e panfletos subversivos. O *Consejo Directivo Central de la Universidad de la Republica* denunciou os destroços produzidos pela polícia bem como o sumiço de material docente, documentação e fichários de estudantes.

No dia 12 de agosto, como consequência desses eventos o estudante de odontologia e militante da Juventude Comunista Liber Arce foi ferido pelo oficial de polícia Enrique Tegiache, em plena manifestação estudantil, ocasionado sua morte dois dias depois. A morte de Liber Arce provocou uma comoção geral; milhares de pessoas participaram de seu enterro, *El Popular*, jornal do Partido Comunista, estampava em sua capa a manchete “*Las medidas repressivas cobran una victima – Murió Liber Arce mártir de la libertad*”⁸⁹, destacando a foto em que aparece o caixão sendo carregado, rodeado por uma multidão.

Como resultado desta morte se intensificou o confronto contra as forças policiais. Estudantes e trabalhadores mantinham uma ativa agenda de mobilizações públicas contra a crise e o autoritarismo governamental, que respondia com maior censura e repressão. A

⁸⁸ ALDRIGHI, op. cit., p. 16-17.

⁸⁹ EL POPULAR, 15 agost. 1968, p. capa.

deterioração da democracia uruguaia era visível. Poucos meses depois morreram outros estudantes, Susana Pintos e Hugo de los Santos, abatidos por balas da repressão.

Inegavelmente, a violência estatal imposta pela administração presidente Pacheco Areco aumentou a fila de descontentes; muitos destes se aproximaram do Movimento de Libertação Nacional–Tupamaros que nesse período atingia seu auge quantitativo de militantes. Isso ocorreu de forma significativa no âmbito universitário. Como exemplo fica a afirmação de Sandoval Mercado: “en la universidad se creó un grupo de estudiantes, casi todos de la facultad de Arquitectura; el cual se vincularía casi de inmediato al MLN: “El Área 3.”⁹⁰

2.4 O começo do fim

O crescimento do MLN-T constitui, paradoxalmente, um problema muito sério para a organização, pois acarretou problemas de falta de infraestrutura, debilitou dispositivos de camuflagem e clandestinidade e colocou problemas logísticos e operativos. Em contrapartida, obrigou as forças repressivas a desenvolver e incorporar do exterior novas práticas, experiências e novos métodos de combate à subversão. A médio-prazo, considerando as características demográficas e espaciais do país, tal situação sufocou a organização guerrilheira.

Este subcapítulo antecipa a incapacidade do MLN-T em manter a sua organicidade a partir do aumento considerável de integrantes por volta de 1969-1970, houve uma grande distância entre a teoria dos manuais de guerrilha e os praticados. Sobre o número ideal de integrantes, Eleuterio Fernández Huidobro em seu livro *A Historia de los Tupamaros* ironiza:

La cosa comenzó a ser chaplinesca. No cabe duda que a veces entre el heroísmo y el ridículo no hay más que un paso, pero en aquel caso ... Se comenzó a crear la guerilla siguiendo a texto expreso la normas del librito de Bayo⁹¹. Transformado más que en Biblia, en calefón.

- “*Los grupos guerrilleros no deben tener más de 25 hombres*”- leía nuestro dirigente.

- Como ven, Uds. Son 25 – comentaba para corroborar la justeza de la citación.

- “*Deden tener un esponsable de tal cosa*”, leía.

⁹⁰ SANDOVAL MERCADO, 2013, p.157.

⁹¹ Manuscrito del gral Bayo “*150 preguntas a un guerrillero*” (HUIDOBRO, *Historia de los Tupamaros* – tomo I) p. 16.

- Fulano: vos sos desde ahora el responsable de tal cosa.⁹²

O desafio que se colocou para o movimento foi o de coordenar essa gente toda, principalmente quando a estrutura é baseada no centralismo democrático, com a possibilidade de dar voz e ação a todos os seus integrantes?⁹³ A resposta dos próprios líderes do Movimento, indicam tal complexidade. Jorge Zabalza, em um artigo da revista eletrônica *Correspondencia de Prensa*, em 20 de abril de 2006, afirma:

A partir del año '69, aproximadamente, la organización se quedó sin estrategia. Desde el '63 al '68, [...], siempre hubo un gran rumbo estratégico claro. Primero fue el de construir un aparato mínimo y luego la línea de grandes acciones que generan consciencia y organización. En este último período se intenta pasar del pequeño grupo inicial a un gran movimiento, creando consciencia a través de la acción.⁹⁴

Outra líder⁹⁵ em: *Entrevista a um Tupamaro*, de María Ester Gilio, publicado em *Marcha*, confirma que:

Hay algo que es obvio. Cuando un organismo como el nuestro crece, y el nuestro está creciendo muy velozmente, el mecanismo de seguridad se resiente, dado que el tempo necesario para la preparación de los nuevos cuadros es insuficiente.⁹⁶

Julio Marenales, por sua vez, referindo-se a Operação Pando afirma que:

A una derrota en el plano militar sucedió un crecimiento político. Ese crecimiento que tuvo lugar después de Pando, a la larga marcó a la organización y fue uno de los factores que contribuyó a su derrota posterior. El crecimiento tan acelerado no permitió la formación adecuada de los militantes clandestinos.⁹⁷

⁹² HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. *Historia de los Tupamaros. En la Nuca – Acerca de las Autocríticas –* Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001. 2ª Edição. p. 17.

⁹³ “O MNL estava estruturado internamente a partir de células (grupo de quatro a seis integrantes) que, por sua vez, estruturavam-se em colunas (grupos integrados por quatro ou seis células). As colunas tinham funções específicas dentro da organização. Elas dividiam-se em colunas: políticas, de logística, de ação direta, de infraestrutura, entre outras. No total, estima-se que o número de colunas foi de aproximadamente 30, no seu momento de maior desenvolvimento (1971-1972). A convenção das colunas implicava uma instância de decisão democrática dentro da organização; estavam representados pelos coordenadores de cada coluna.” Nota de rodapé, nº 20, em CABRAL, José Pedro Cabrera Cabral. *Trajetória do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros -, 1962-1973: algumas questões de identidade e poder. Estudos Ibero-Americanos*, vol. XXXIII, núm.2, dezembro, 2007, pp. 156-177, PUC/RS. p. 167.

⁹⁴ ZABALZA, Jorge. Uruguay, los Tupamaros ayer y hoy. [Entrevista cedida a] Daniel de Santis. *Correspondencia de Prensa*, n. 28, Jun. 2006, p. 08.

⁹⁵ Possivelmente se trate de Mauricio Rosencoff.

⁹⁶ COSTA, op. cit., p. 142.

⁹⁷ MARENALES, Julio. Breve historia del M.L.N. / Tupamaros. *CEME: Centro de Estudios Miguel Enriquez*, Chile, 2005. p. 05.

A concepção de uma organização voltada para a ação, uma propaganda endereçada a quem sentia a mão forte de uma repressão violenta e desmedida, a procura por uma postura ética extrema, podem ter contribuído a um aumento considerável de integrantes.

Somado a esse aumento de novos quadros, pouco preparados, houve a descentralização administrativa, a divisão em colunas, formando pequenos MLN-T, com seus respectivos locais, logística; junto a isso, a existência de uma rede de comunicação fragmentada pela clandestinidade e a exigência de grandes somas de dinheiro, para bancar uma complexa infraestrutura, parecem ter impossibilitado a manutenção das formas organizativas impedindo de serem mais eficientes e duradouras.

Toda essa trama que envolve organização, crescimento, mudança e adequação permite perceber um *continuum* que pode resultar, ao fim de tudo, no alcance material dos objetivos ou na completa exaustão do que o movimento propõe. O aumento substancial de integrantes pode ter oferecido uma das condições necessárias à derrota militar dos tupamaros.

3 MUDANÇA DE FOCO?

“Hay que ver que la eficacia del enemigo se expresa o actúa a través de nuestras propias debilidades o carencias.”

Andrés Cultelli⁹⁸

*“Que vivan los estudiantes
Que rugen como los vientos
Cuando les meten al oído
Sotanas o regimientos
Pajarillos libertarios
Igual que los elementos
Caramba y zamba la cosa
Que vivan los experimentos”*

Violeta Parra⁹⁹

Quando o Movimento atingiu o que pode ser considerado o seu auge, as consequências dessa evolução, a médio-prazo, parecem ter sido desastrosas. Além das dificuldades permanentes de manter-se organizado, houve certa euforia em função dos resultados anteriores, o que provocou, de alguma forma, incapacidade na percepção das fraquezas persistentes. Paralelamente, a mudança estratégica priorizando o militarismo e o foco armado como única via, em detrimento da política de aproximação com as massas se mostrou um terrível equívoco.

Embora se entenda que a busca do crescimento e apetrechamento da organização tenha permeado todo o caminho percorrido pelo Movimento, destacam-se em sua trajetória, três fases distintas: 1º) da fundação da UTAA ao *Coordinador* (1961-1963); 2º) do *Coordinador* ao fim da fase Robin Hood, já como MLN-T (1963-1969); 3º) do MLN-T foquista à derrota militar (1969-1972).

Neste capítulo analisam-se os anos entre 1969 e 1972, correspondente ao 3º período. A justificativa para partir de 1969 relaciona-se com o fato da organização tomar um novo rumo a partir desta data. É o momento em que o foquismo¹⁰⁰ adquire maior

⁹⁸ CULTELLI, Andrés. **La Revolución Necesaria** – Contribución a la autocrítica del MLN-Tupamaros. Buenos Aires: Colihue, 2006. p. 85.

⁹⁹ Trecho a música “Me gustan los Estudiantes” da chilena Violeta Parra, interpretada por Daniel Viglietti no álbum Canto Libre, lançado no Uruguai em 1970.

¹⁰⁰ O foquismo foi uma teoria revolucionária elaborada por “Che” Guevara e Régis Debray, na segunda metade da década de 1960, que advogava a instalação de vários focos de guerrilha nas zonas rurais dos países latino-americanos, de modo que esses focos pudessem, paulatinamente: 1) ganhar a adesão das massas; 2) destruir ou submeter o poder das forças armadas; 3) constituir um governo revolucionário de caráter socialista. Disponível em <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/foquismo.htm>. Acesso em: 05/10/2018.

destaque na estratégia da luta armada, Clara Aldrighi informa: “La lucha del MLN adquirió un carácter bélico desde octubre de 1969, con el copiamiento de la ciudad de Pando.”¹⁰¹

Outro motivo reside em que a partir desse momento ocorreram cinco acontecimentos que são cruciais para entender a derrota dos tupamaros: a integração de numerosos estudantes ao Movimento; a ocupação de Pando; a fuga massiva do penal de Punta Carretas; a execução do agente da CIA Dan Mitrione e a execução do peão rural Pascasio Ramón Baéz Mena. Cada um desses fatos e fatores relaciona-se com o aumento da violência política produzida pelos guerrilheiros e pelo Estado repressor.

A fuga de Punta Carretas¹⁰² (06 set. 1971) e a invasão de Pando¹⁰³ (08 out. 1969) foram ações extraordinárias do ponto de vista propagandístico. Ajudaram a criar um entusiasmo exagerado no Movimento, o que se viu completado pelo aumento de militantes, criando “una mentalidad cargada de optimismo y confianza en el seguro, aunque no inminente, triunfo de la revolución.”¹⁰⁴

No Documento nº 2, de janeiro de 1968, o MLN parece que não controla esse estado de euforia, como transparece na manifestação a cerca dos seus métodos: “No discutimos, pero demostramos EN LA PRACTICA que los nuestros son mejores”¹⁰⁵. Na mesma lógica, a organização, em uma entrevista ao semanário *Al Rojo Vivo* afirma que: “Solamente queremos ratificar que a esta altura nuestro movimiento es indestructible”¹⁰⁶. No Documento nº 4, de janeiro de 1969, parece haver maior comedimento: “con el crecimiento y los éxitos hemos adquirido nuestro propio “peso”, [...] estamos recibiendo golpes porque somos demasiado grandes, porque significamos e importamos demasiado”¹⁰⁷.

¹⁰¹ ALDRIGHI, 2001, p.144.

¹⁰² Ocorrida em dia 06 de setembro de 1971, a fuga de 111 tupamaros, através de um túnel cavado desde uma das celas até o sistema cloacal.

¹⁰³ Em 1969, Pando era uma pequena cidade industrial próxima a Montevideu, cerca de 32km da capital, a época tinha uns doze mil habitantes, em sua maioria operários. Possuía várias agências bancárias, porém, apenas uma comissária. No dia 08 de outubro de 1969 um comando tupamaro ocupou a cidade, por pouco tempo assaltou três bancos (Banco de la Republica, Banco Pan de Azúcar e Banco de Pando), tomou a central telefônica, o quartel de bombeiros e a comissária. Um total de 49 militantes tupamaros participaram da ação, que durou no máximo 30 minutos. O êxito parcial da operação veio abaixo ante uma desastrada retirada, com um saldo final de 16 tupamaros presos, 2 feridos e 3 mortos (Jorge Salermo, Alfredo Cultelly e Ricardo Zabalza).

¹⁰⁴ ALDRIGHI, 2001, p.127-128.

¹⁰⁵ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - Documento n. 3: apuntes sobre la acción frente a las masas. Elaborado em maio de 1968. CEDEMA: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

¹⁰⁶ Resposta do MLN ao semanário *Al Rojo Vivo*, nº 18 de março de 1969 in: Costa, 1971, p. 138.

¹⁰⁷ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. Documento n. 4. Elaborado em janeiro de 1968. CEDEMA: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

No Documento nº 5, de junho de 1971 define-se a nova forma de combate:

Como vanguardia revolucionaria tenemos dos retos históricos planteados que son los principales hoy y que constituyen *el quid* de nuestra estrategia a corto y mediano plazo. Ellos son:

- cómo la organización y su método pasan a ganhar las grandes masas
- cómo la organización y su método pasan a uma etapa superior de guerra, a una etapa donde se destruya el aparato armado que sostiene a la oligarquía.¹⁰⁸

Ainda nesse mesmo documento, no subtítulo *conclusiones* oponta-se que: “el foco está logrado: la cuestión ahora es, qué hacer con el? En lo militar aquella proposición OFENSIVA se transformó en la ley”. O MLN parece que deixa de se preocupar com posições mais defensivas e esboça pretensões ofensivas.

As execuções de Dan Mitrione, em 31 de julho de 1970 foi sequestrado o suposto agente da CIA Dan Mitrione, em 09 de agosto o comunicado nº 8 do MLN anunciou a execução Mitrione, mais de doze mil policiais entre guardas metropolitanos e republicanos e soldados das forças armadas saíram às ruas na busca da clandestina Cárcel del Pueblo onde estava mantido refém o agente da repressão,¹⁰⁹ e de Pascasio Ramón Baez¹¹⁰ foram opções que repercutiram negativamente na opinião pública e mancharam a trajetória “limpa” da organização. Por outro lado propiciaram ao Estado aumentar ainda mais a intensidade da violência.

3.1 Encontros e desencontros: as mudanças na forma de fazer a luta

No transcurso de sua existência o MLN-T se caracterizou como uma organização de rupturas e mudanças e de críticas e autocríticas. Já na sua origem aparece o fator ruptura, visto que o grupo inicial foi formado por militantes provindos de diferentes grupos e partidos da esquerda uruguaia não comunista, organizados em torno do *Coordinador*.

¹⁰⁸ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. Documento n. 5. Elaborado em janeiro de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

¹⁰⁹ Em realidade, o governo uruguaio decidiu não negociar com os tupamaros, por sua vez o governo dos EUA evitou se envolver na questão. O cadáver de Mitrione foi encontrado dentro de um carro em um bairro periférico de Montevidéu. O justicamento teve grande repercussão, os jornais alinhados com o governo repercutiram o fato de forma negativa e contundente.

¹¹⁰ Em dezembro de 1971 o peão Pascasio Báez caminhava pelo campo em busca de uma égua quando se defronta com um grupo de tupamaros colando colchões e roupas pra secar. Como o peão havia visto o esconderijo foi detido pelos militantes. Nestor Sclavo foi até Montevideo para pedir ordens a direção sobre o que fazer com Pascasio. A direção deu ordem de eliminá-lo mediante uma injeção de pentatlo. O corpo de Pascasio Báez foi encontrado em 20 de junho de 1972.

Quando ocorreu a ruptura no interior do *Coordinador*, o MLN decide ser a “vanguardia revolucionária”, colocando no centro da sua estratégia a guerrilha urbana em detrimento das origens rurais, como no caso da experiência dos *cañeros*. Assim se hierarquiza a luta: “la lucha armada será, en el Uruguay, predominantemente urbana. La lucha en el médio rural cumplirá tareas auxiliares”¹¹¹, embora as condições para uma maior aproximação com as massas também estivessem no meio rural, onde havia a oportunidade de transformar os “esquecidos” pelo Estado em militantes comprometidos com a revolução, como de fato ocorreu com diversos “peludos”.

A organização abriu mão de uma maior aproximação com os sindicatos, embora o alto grau de sindicalização no país, por entender que “la principal forma de organización de las masas, el movimiento sindical, há resultado ineficaz, con los métodos tradicionales de lucha”¹¹², voltados somente a reivindicações econômicas e trabalhistas, incapazes de passar à etapa superior da luta de classes, devido às limitações imposta pela clandestinidade:

Si nosotros sabemos que al desatarse la lucha armada, las direcciones sindicales pueden verse obligadas a ocultarse y ser detenidas por la represión, entonces no debemos darle tanta importancia a la gravitación negativa que tienen actualmente muchas de esas direcciones.

Su reinado absoluto, termina con el status que hay entre las clases; cuando la lucha pasa a la etapa violenta, esas direcciones pierden el control de las masas y muchas veces hasta el contacto con ellas, pues el aparato sindical actualmente en nuestro país, no está preparado para funcionar indefinidamente en formas clandestinas.¹¹³

O MLN-T negligenciou, também, o aviso de Che Guevara quando afirmou em plena *Universidad de la Republica* que não havia sentido em partir para a luta armada em um país de tradição democrática e com índices importantes de inserção social, segundo José Pedro Cabrera Cabral “tanto Guevara quanto Debray tinham advertido para a inviabilidade da luta armada no Uruguai.”¹¹⁴

Dentro dessa lógica, houve a ruptura com o PCU, principal e maior partido de esquerda do Uruguai, por desacordos na estratégia de luta, os próprios tupamaros, no

¹¹¹ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. Documento n. 1. Elaborado em janeiro de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

¹¹² MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. Documento n. 4. Elaborado em janeiro de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

¹¹³ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. Documento n. 3. Elaborado em janeiro de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?].

¹¹⁴ CABRAL, 2007, p.167.

Documento nº 5 afirmavam que: “El Partido Comunista es la fuerza más importante y la que más opera realmente en la realidad política, su fuerza de 16.000 militantes en 1966; crecimiento en 1968/69 para 18.900”. Os comunistas não concordavam com a ação armada como via de luta, expressando uma dura crítica ao MLN.

A ruptura com a estratégia de aproximação com as massas, quando a organização se tornou mais vanguardista, mais jovem, mais universitária e militarista, com o predomínio das operações de comando e de concepções militares, subestimando o trabalho político nas frentes de massas acentuando uma guinada decisiva. Segundo Julio Bordas Martinez:

Hasta 1968, los tupamaros cometieron menos del 10% de sus acciones armadas, que se duplicaron en 1969 y 1970 (20%); para llegar hasta el 70% del total durante los años 1971 y 1972, caracterizándose por ser acciones de propaganda armada contra el patrimonio, atracos, robos, sabotajes, etc., en el 80% de los casos. El salto cuantitativo que supone que hasta 1970 los tupamaros hubieran realizado el 30% de sus atentados y que durante los dos últimos años siguientes realizaran el 70% se debe a que la organización dio un salto cualitativo intentando que su propaganda armada transmitiera la idea de un doble poder, el del Estado y el de los tupamaros, con cárcel del pueblo incluida, en el 1.192 de la calle Paulier de Montevideo.¹¹⁵

Em maio de 1968 o Documento nº 3, exigia uma posição mais forte das massas em relação ao Movimento “Ante el hecho consumado, el resto dela izquierda y el pueblo se ven ante estas alternativas: o sumarse a la lucha o permanecer indiferente a la misma y servir de “soldado tranquilo” de la contrarrevolución”. Tal afirmação tornou-se o reflexo de duas prioridades da organização no período imediatamente posterior: a) o povo deveria seguir o MLN por que este estava pronto para fazer a revolução; b) a luta armada tinha prioridade sobre o trabalho político com as massas.

Clara Aldrighi afirma que “la orientación militarista promovida por los nuevos miembros del Ejecutivo a partir de setiembre de 1970 se trasladó a todas las columnas, por la colocación de militantes de la 15 en varios comandos y otros cargos de responsabilidad.”¹¹⁶ A coluna 15 possuía a maior capacidade operativa da organização e era responsável pelo *Grupo de Acción en Formación* composta em sua maioria por estudantes recém chegados ao MLN-T. O peso dessa coluna no conjunto da organização desequilibrou as posições em favor dos defensores de radicalizar o confronto armado.

¹¹⁵ MARTINEZ, op. cit., p. 77.

¹¹⁶ ALDRIGHI, 2001, p. 116.

De fato, o período histórico compreendido entre 1969 e 1972 foi marcado, na cronologia da guerrilha, pelo de aumento da violência política em comparação à fase anterior. Dados retirados dos jornais *El Día*, *El Diario* e *El Popular* corroboram esta afirmação¹¹⁷.

A partir 1969, quando o Movimento entrou na fase de seu maior apogeu e no seu interior alguns setores percebiam que a etapa de preparação estava superada, foi lançada a estratégia da ação direta pelos “combatentes”¹¹⁸, porém, segundo Sandoval Mercado “no tenía capacidad militar para enfrentar a las fuerzas policiales”¹¹⁹. Embora procurasse assumir a iniciativa da luta através da construção de uma “teia de aranha”¹²⁰, não foi possível conseguir o apoio das massas desejado: “no había logrado concitar un apoyo suficientemente amplio y profundo como para involucrar a la población en acciones directas en apoyo de su lucha.”¹²¹ A organização possivelmente havia feito uma leitura conjuntural equivocada, a consequência da mesma teria sido sua derrota militar.

3.2 O conflito de gerações

A chegada de militantes recrutados junto à classe estudantil pode ter ocasionado duas mudanças importantes na forma de como o MLN-T passou a conduzir a luta armada: a) alterou a estratégia de aproximação com as massas em favor da ação armada direta; b) mudanças nos setores de direção criaram disputas internas e consequente crise na hierarquia. Enquanto a direção “histórica” esteve a frente dos postos de comando a

¹¹⁷ Em 1969, como decorrência das ações do MLN-T morreram seis pessoas, não guerrilheiras: quatro agentes policiais (Germán Garay, Juan Vieira, Carlos Zambrano, Antonio Fernandez), um comerciante (Rafael Goidet) e um segurança (Manuel Tejera). Houve ainda um sequestro (Gaetano Pellegrini Giampietro).

Em 1970 morreram cinco agentes (Héctor Morán Charquero, Nelson Sosa, Armando Leses, Dan Mitrione, Nelson Machado) e houve três sequestros (Dr. Daniel Pereira, Aloysio Dias Gomide, Claude Fly).

Em 1971 morreram nove agentes (José Villaba, Gilberto Carballo, Aídes Perez, Walter Custódio, Juan Bentancur, Alfonso Arhancet, Wilder Soto, Nelson Lima), um ex-tupamaro (Roque Arteché). Houve dez sequestros (Geoffrey Jackson, Dr. Guido Berro, Ulysses Pereira Reverbel (segunda vez), Ricardo Ferres, Carlos Frick Davie, Alfredo Cámbon, Jorge Berembau, Luis Fernández Lladó, José Pereyra, Michelle Ray).

Em 1972 morreram cinco agentes (Rodolfo Lencino, Francisco Godoy, Juan Sanches, Segundo Fernandez, Darwim Fernandez), sete militares (Heber Castiglioni, Wilfredo Busconi, Victor Aguillar, Eduardo Delgado, Artigas Alvarez, Ricardo Braidá, João Eusebio Godoy), um motorista (Vicente Orosa), um comerciante (Luis Bardizon) e mais um civil (Dr. Julio Morato). Ainda três sequestros (Homero Fariña, Sergio Malaguero, Héctor Menoni). Disponível em: <http://www.pasadoreciente.com>. Acesso em: 07/11/2018.

¹¹⁸ “la nueva etapa de lucha exigirá y creará una nueva mentalidad en los combatientes. La nueva mentalidad de combate” (MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL, Documento 4).

¹¹⁹ SANDOVAL MERCADO, 2013, p. 184.

¹²⁰ “Debemos tejer con paciencia una inmensa telaraña política a nivel del pueblo.” (MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL, Documento 4. Las tareas políticas inmediatas).

¹²¹ SANDOVAL MERCADO, 2013, p. 184.

proposta de uma maior aproximação com as massas foi mantida como objetivo estratégico, baseado na autoridade “carismática” de líderes como Raul Sendic e Fernandez Huidobro; porém, a prisão desses líderes e de outros militantes históricos que vinham da luta política e sindical, em maio de 1971, acabou por precipitar a chegada aos quadros de direção uma juventude estudantil sem maior experiência na luta política e despreparada para o jogo de negociações e articulações, e muito seduzida pela tentação militarista.

Nos juntábamos em los boliches en el año 67/68, siendo gurises [...] y del MLN no sabíamos nada, nada [...] Es más lo que sabíamos eran disparates ... decían que para entrar al MLN, tenías que ser mayor edad [...] uqe para entrar, cada uno tenía que tener su arma, cosa que no era verdad. Y ahí empezamos a hacer cosas raras [...] el MLN, nos detecto [...] Firmábamos los volantes con una T, no éramos tupamaros nosotros, de apoyo como quien disse, de esa línea. Hasta que un día apareció el contacto [...] éramos 11 al principio [...] y así ingresó todo el grupo. Pero éramos silvestres, silvestres, silvestres”¹²²

A homogeneidade interna sofreu com o surgimento de microfrazões¹²³, muito em função da falta de uma direção firme e prestigiada. Segundo José Pedro Cabrera Cabral “a detenção por parte do Estado dos principais dirigentes da organização, deixando acéfala a direção executiva do movimento, que teve de substituir seus quadros dirigentes por quadros intermédios ainda em processo de formação.”¹²⁴ A solução encontrada para manter a organização funcionando foi, antes de tudo, a eficiência militar o recrutamento de militantes com um perfil, mais militaristas e menos político.

Para Clara Aldrighi a mudança nos quadros de direção, e também no nível intermediário, ocorreu em função do aumento da repressão e das prisões. Na sua obra essencial sobre esta problemática *La Izquierda Armada. Ideología, ética, e identidad en el MLN-Tupamaros*, explicita, cronologicamente, a sequencia de direções executivas do MLN-T, desde 1966 até 1971, o que permite avaliar a postura política e de comando gerado pela sucessão de quedas¹²⁵.

¹²² TISCORNIA, Edgar. Testimonio (Fragmento). CAULA, Nelson y SILVA Alberto. *Ana, la guerrillera. Una historia de Lucía Topolansky*. Ediciones B. Uruguay, 2011, pp. 75.76 Apud: **MERCADO**, Marco Antonio Sandoval. *Desenmascarar la Suiza de América? Inventando a los Tupamaros de los 60*. 2013. p.54.

¹²³ Exemplo disso é o grupo 22 de Diciembre, chamado “partidista”, dissidência do MLN por não concordar com o foquismo.

¹²⁴ CABRAL, 2007, p.171.

¹²⁵ 1966: Sendic, Fernandez Huidobro e Tabare Rivero; dezembro de 1966: Sendic, Huidobro, Manera e Marenales; setembro de 1968: Sendic, Huidobro, Amódio Pérez e Martinez Platero; outubro de 1969: Sendic, Amódio Pérez, Martinez Platero e Mansilla; junho de 1970: queda de Pérez (substituído por Candán Grajales); agosto de 1970, queda de Sendic, Candán Grajales, Martinez Platero, Bidegain, Pilardo, Graciela Jorge, Alicia Rey, Edith Moraes e Asdrubal Pereira; dois dias depois cai a direção que substituíra a que fora presa: Mansilla, Menéndez, Blixen e Dominguez; setembro de 1971: novo executivo integrado por dirigentes

De acordo com Clara Aldrighi há um conjunto de características importantes para compreender os dilemas da organização nesse momento:

- a) As decisões sobre as mudanças de direção ficavam restritas a um grupo bem reduzido (ou seja, direções muito isoladas);
- b) a centralização acentuada revelava a ausência de mecanismos de controle político e a escassa possibilidade de correr esse controle, tanto para a base quanto para as direções intermediárias;
- c) a ambição pelo poder do grupo que gravitava ao redor de Hector Amódio Pérez, Alicia Rey e Píriz Budes;
- d) o MLN desse período mostrava sinais de desorganização, desorientação, desunião e de ausência de uma linha ideológica comum.

Havia momentos em que a direção executiva recebia ordens dos líderes “históricos” presos no cárcere de Punta Carretas e que, em diversas vezes eram impraticáveis dada a intensa repressão que sofria a organização. Em outros momentos, ocorria também da direção executiva deixar de informar suas ações aos líderes históricos. Andrés Cultelli, em *La Revolución Necesaria*, traz um relato sobre as ‘informações’ enviadas pela direção executiva aos presos em Punta Carretas:

En este punto, destaquemos un hecho cierto: los informes magnificados que llegaron a la cárcel de Punta Carretas sobre la situación de la Organización afuera. Sobre todo, el informe que se dio en 1971. Todo estaba sobrevalorado e inflado por la Dirección afuera. Acaso, por eso mismo es que el Documento “Foco-Partido-Falso Dilema” producido enseguida de ser oído semejante informe, resultara tan infeliz y sus autores no pudieran entrar en la realidad de la Organización.¹²⁶

Aldrighi relata a crise que se estabeleceu após a fuga de Punta Carretas:

[...] la mayor crisis en la dirección política del MLN se produjo en los momentos inmediatamente posteriores a la fuga de 1971. Ya en las primeras reuniones se

de colunas: Rosencof, Wasem e Berreta, meses mais tarde Berreta foi substituído por Marrero; em 1971 ingressou Píriz Budes, substituindo Rosencof; setembro de 1971, nova direção: Wasem, Rosencof, Marrero, Engler e Píriz Budes; em março de 1972: assumem Huidobro, Candán, Rosencof e Engler; 14 de abril de 1972: morte de Candán Grajales e a prisão de Fernández Huidobro; assumem Sendic e Marenales. Entre maio e setembro foram presos Rosencof, Marenales, Engler e Sendic. Mujica e Efraín Martínez Platero assumem, mas o primeiro foi preso e o segundo será obrigado a partir para o exílio. ALDRIGHI, op. cit., pp. 124/125.

¹²⁶ CULTELLI, op. cit., p.117.

verifico un malestar y una suerte de desconfianza entre los antiguos dirigentes de la dirección que los había reemplazado en 1970.¹²⁷

Fruto das diferenças existentes entre as lideranças, após a fuga de Punta Carretas, os dirigentes históricos resolveram voltar às bases “es en 1971 – señala Fernandez Huidobro – cuando nosotros cometemos el verdadero error. Al fugarnos decidimos irnos a la base todos los dirigentes, como Manera, Marenales, Fernandez Huidobro, Sendic, fuimos, a partir de entonces, militares rasos.”¹²⁸

A direção histórica, em nome de evitar confrontos internos e reconhecendo o trabalho da nova direção, recuou às bases deixando a organização refém dos setores mais militaristas.

3.3 Uma luta pequeno-burguesa?

Uma das questões chaves sobre as causas internas que levaram a derrota militar dos tupamaros é: qual o acréscimo qualitativo do ingresso de estudantes no Movimento?

Para o ex-procurador, ex-assessor jurídico sindical e ex-guerrilheiro Andrés Cultelli alguns jovens militantes “rompieron con los valores o la ideología dominante y se lanzaron a la lucha”¹²⁹ sem perceber que participavam de uma luta fundada no marxismo-leninismo e na luta de classes, sem se apropriar de toda a consciência social que essa luta reivindicava.

Segundo Cultelli, o militante estudantil “más por la insuficiencia de la práctica social que por su juventud”¹³⁰ precisava de um amadurecimento político que o prepara-se para participar e conduzir o processo revolucionário, diferentemente de uma classe operária mais acostumada à prática sindical e à luta de classes:

Formar se en la práctica era su gran principio, así lo dicen [...] aquellos que integraron el MLN antes del año 68 tuvieron una formación política mucho más amplia, por su pasado político en lo gremial, sindical, además de otras organizaciones.¹³¹

Embora o acréscimo desses jovens militantes tenha sido visto com boa expectativa, o MLN-T assumiu com mais força sua face pequeno-burguesa, e não podia ser

¹²⁷ ALDRIGHI, idem, p. 125.

¹²⁸ ALDRIGHI, 2001, p. 125-126.

¹²⁹ CULTELLI, 2006, p. 41.

¹³⁰ Idem, p.42.

¹³¹ SANDOVAL MERCADO, op. cit., p. 154-155.

diferente por que 60 % da população uruguaia era urbana e em sua maioria pequeno-burguesa. Quer dizer seria impossível imaginar uma revolução no país sem a presença desse setor social. Dentro da própria direção da organização havia lideranças históricas dessa origem social. Portanto tal dilema não era novidade para o MLN-T.

Porém, o fato de ter sido uma organização pequeno-burguesa não da conta da complexidade da derrota militar. Mas a ênfase que o Movimento assume a partir da entrada desses novos militantes, especialmente dos estudantes, pode ter sido decisiva, pela falta de critério objetivo no recrutamento e de uma formação militante mais consciente da prática política e da luta de classes. Também influenciou a descentralização resultante do Simpósio de 1968, que faz com que cada célula passasse a ser foquista ao extremo.

No Documento nº 4 o MLN identificou as dificuldades que seriam encontradas a partir da descentralização:

Además por la descentralización, el crecimiento y la compartimentación, se han distendido algunos controles internos y se hace difícil a veces unificar criterios a cerca de aspectos que pueden resultar claves (por ej. El reclutamiento realizado ahora por compañeros relativamente nuevos).¹³²

Andrés Cultelli (2006) em seu livro *La revolución necesaria. Contribución a la autocrítica del MLN Tupamaros*, defende que a derrota da guerrilha passou: pela composição e origem social dos membros, a pequena-burguesia adquiriu um peso muito grande, quando do crescimento desmedido dos níveis intermediários e até da direção executiva. Com a prisão dos “líderes históricos” os intelectuais e estudantes obtiveram importante acréscimo no poder de decisão. Outro fator foi a ausência de um enfoque de classes no recrutamento, na linha de massas, na logística, na formação e na estratégia político-militar. Pela inexistência de uma linha de massas, o excesso de foquismo e o estrangulamento da organização pelo aparelho militar. Também não pode ser desconsiderada a impossibilidade de fazer-se a revolução sem uma aliança de classes entre a pequena-burguesia e a classe operária.

Eleutério Fernandez Huidobro avalia a derrota desde outros parâmetros, particularmente pelo fato de não ter encontrado uma estratégia que superasse o foquismo:

¹³² MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. **Documento No. 4.** Disponível em Centro de Documentación de los Movimientos Armados. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=114>. Acesso em: 09/08/2012.

Nuestro gran error fue el contrario que nos adjudican: no habernos dado cuenta de que la estrategia “foquista” (las comillas indican que no aceptamos la simplificación implícita en el término), por llamarla de algún modo, había sido un éxito; había dado de sí lo que se había pedido y, por lo tanto, se necesitaba OTRA.¹³³

Segundo Fernández Huidobro o MNL-T tentou romper essa diretriz ao apoiar a Frente Amplo e criar o *Movimiento 26 de Marzo*, e a Coluna 70 (voltada para a política e as massas), os CAT, o desenvolvimento de frações políticas a *Tendencia* a nível sindical e estudantil, entre outras iniciativas de cunho político. Mas esse quadro refluíu com a evolução da conjuntura do país. Ele mesmo, completa seu raciocínio elencando uma provável causa da derrota Tupamara: “Sin embargo, a la altura de la fuga de Punta Carretas, tal vez ya era tarde para esa labor porque las condiciones INTERNAS eran adversas.”¹³⁴

O crescimento da espiral da violência política e da repressão estatal acabou reforçando e confluindo todos os esforços em perspectiva foquista, que foi a resposta encontrada pelo MLN diante do aumento da repressão estatal. O equívoco da organização foi acreditar que, ao se organizar em colunas, estas pudessem construir a chamada *telaraña*¹³⁵: MLN-povo, entregando aos novos militantes a missão de conscientizar o povo sobre o funcionamento do capitalismo, da luta de classes e do quadro de forças existentes.

Em síntese, a organização parece que deixou de formar quadros conscientes da luta de classes para crescer em desmedida, na ânsia de construir um aparato armado que superasse o aparato Estatal. Nesse caminho deixou a política de massas relegado a um segundo plano, sofreu com as intensas brigas internas e com as constantes mudanças nos postos de direção. E no somado, tudo isso é possível que tenha sido decisivo a derrota militar dos tupamaros.

¹³³ HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. *Historia de los Tupamaros. En la Nuca*. – Acerca de las Autocríticas – Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001. 2ª Edição. p. 121.

¹³⁴ Idem, p. 145.

¹³⁵ Teia de aranha.

4 O ESTADO ATACA

“*Si tiene que morir[...] que muera*”¹³⁶
Presidente Jorge Pacheco Areco

“*A dónde van los desaparecidos
busca en el agua y en los matorrales
y por qué es que se desaparecen
por qué no todos somos iguales*”¹³⁷
Maná

Quando o Partido Nacional chega ao poder em março 1959, uma de suas primeiras medidas foi estabelecer a *Ley de Reforma Monetaria y Cambiaria*, de caráter liberal¹³⁸ marcaria uma nova orientação econômica. Os resultados imediatos dessa nova política econômica foram a evasão de capital, em função do aumento de importações, o aumento da inflação, o aumento do desemprego, a desvalorização do peso uruguaio, a especulação financeira e os frequentes pedidos de empréstimos ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

A partir da primeira metade dos anos sessenta foi mudando o modo como o governo passou a conduzir o conflito social, recorrendo de forma reiterada a dispositivos legais previstos para situações de exceção, aperfeiçoando e intensificando a repressão policial. O aparato estatal, associado à elite burguesa agroindustrial, implementou uma série de medidas que visaram fortalecer o sistema de dominação, com mecanismos de autopreservação do Estado e pacificação dos movimentos populares.

Três instrumentos foram importantes no enfrentamento da esquerda armada, em especial no enfrentamento e na derrota do MNL-T: a) a utilização frequente das *Medidas Prontas de Seguridad*; b) a reorganização dos serviços de inteligência; c) a passagem do comando da luta armada da polícia as Forças Armadas (*Fuerzas Conjuntas*).

4.1 *Medidas Prontas de Seguridad*

As MPS foram dispositivos constitucionais que, sob o manto da Doutrina de Segurança Nacional, ante casos graves e imprevistos de ataque exterior ou comoção

¹³⁶ Frase original do presidente Pacheco Areco: “No estoy dispuesto a ceder, si tiene que morir algún bancario, que muera” (OMAR, 1971 p. 49), em resposta a um questionamento sobre a agressividade extrema do governo frente à reivindicação dos bancários.

¹³⁷ Trecho da música *Desapariciones* da banda de rock mexicana Maná.

¹³⁸ Oferecia a liberdade de exportação e importação, tendo como marco regulatório unicamente a lei da oferta e da procura.

interna “confere al poder ejecutivo facultades que permiten mantener el orden institucional.”¹³⁹

De forma sucinta podemos caracterizá-las como leis de exceção previstas na constituição para manter a ordem constitucional, acima das garantias individuais. O Estado, nesse marco, através de suas instituições, promovia a detenção e registro de quem era considerado perigoso, “subversivo” ou de comportamento contrário ao ser patriótico. Para tanto, considerava-se as seguintes hipóteses: ataque exterior (entendido como invasão armada do território), comoção interior (considerada em cinco grandes grupos: fatos político-militares, econômico-financeiros, sindicais, climáticos e epidemias). Até 24 horas do seu início as MPS deveriam ser aprovadas pela Assembleia Geral (câmaras legislativas), o que, em alguns momentos do governo Pacheco, não aconteceu¹⁴⁰.

As *Medidas Prontas de Seguridad*, portanto, constituíram uma ferramenta de controle social dos diferentes governos democráticos uruguaios reprimindo mobilizações sociais e políticas. Na cronologia desta pesquisa importa o período entre 1946 e o “pachecato”, pois permite perceber que a aplicação das MPS constituíram uma tradição na vida política uruguaia, desde o fim da Segunda Guerra. Nesse sentido, em 1946, foram utilizadas para assegurar o abastecimento de pão, depois de um conflito no *Centro de Industriales Panaderos*, e em março de 1952, em função de tensões envolvendo setores de saúde pública, greve de médicos e funcionários do setor. Ainda em 1952, em setembro, devido a conflitos na área de transporte. Em abril de 1959, foram decretadas, no governo *Blanco*, em função de um fator climático, graves inundações que afetaram o noroeste do país, o que resultou em que as Força Armadas assumissem pontual protagonismo. Entre fins de 1963 e começo de 1964, unidades militares e policiais foram chamados para combater o estado de “subversão” que representava a greve dos funcionários da UTE. Com teor semelhante, haveria nova situação de exceção entre outubro e dezembro de 1965.

Apesar de todo este histórico, o marco legal sempre foi considerado. Contudo, a partir do governo Pacheco Areco as MPS foram utilizadas por um período mais longo, de forma mais violenta e abusiva. Segundo Padrós “a escalada autoritária da administração foi marcada pela banalização e utilização indiscriminada das MPS.”¹⁴¹

¹³⁹ KIERZENBAUM, 2012, p.100.

¹⁴⁰ A suspensão das MPS devia acontecer quando cessasse o caso “extraordinário” de ataque externo ou de traição/conspiração contra a pátria.

¹⁴¹ PADRÓS, 2011, p. 06.

Ante as mobilizações sociais, em especial do sindicato dos bancários, o Poder Executivo decretou em 13 de junho de 1968 MPS, data que marca o início do “*pachecato*”; sua aplicação permaneceu até 1971, ano eleitoral (com exceção de três meses, entre 15 de março e 24 de junho de 1969). Com a justificativa de defender a ordem pública e os interesses da pátria na luta contra a “subversão”, estabeleceu-se um processo no qual a exceção se tornou a norma e as garantias individuais foram reduzidas até serem extintas, durante a ditadura civil-militar.

Enrique Serra Padrós elenca cinco fatores referentes as MPS e que são de fundamental importância no entendimento do aumento da violência política no Uruguai dos anos 60/70:

Um primeiro fator que deve ser mencionado é o próprio recurso do regime às MPS aplicadas quase ininterruptamente entre junho de 1968 e 1971 [...]. Um segundo fator do uso das MPS foi a vulnerabilidade do respeito dos direitos humanos [...]. Como terceiro fator, estão as limitações ao trabalho da imprensa [...]. Um quarto fator foi a imposição da militarização de funcionários públicos e privados sob a alegação de que era necessário diante da ineficiência do sistema político em controlar a radicalização das ações guerrilheiras e dos movimentos sindical e estudantil [...]. O último fator a destacar, em relação às MPS, é a ação contra as instituições de ensino e a autonomia universitária, visando obter não só o controle político-ideológico dessas estruturas, como a própria gestão das mesmas¹⁴²

Fatores esses, que foram decisivos tanto ao controle das ações insurgentes quanto na contenção e enfraquecimento das estratégias de combate do MLN-T, dadas as limitações impostas pela clandestinidade em um país militarizado.

4.2 A reorganização dos serviços de inteligência

A partir de 1960 ocorreu uma reorganização do funcionamento dos serviços de inteligência, em especial com a criação da *Dirección Nacional de Información y Inteligencia*, órgão nascido para desempenhar com melhor capacitação e eficácia o registro de todos os nomes, atividades e deslocamentos internos de pessoas, organizações e instituições, fundamentalmente de esquerda. Forjada num contexto de Guerra Fria, os inimigos que tinha que vigiar e controlar eram o comunismo, o sindicalismo classista e os

¹⁴² PADRÓS, Enrique Serra. Uruguai: o *Pachecato* e a escalada autoritária no final dos anos 60. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho 2011. p. 6-10.

estrangeiros que traziam consigo a ideologia comunista¹⁴³. No desenvolvimento de suas atividades contava com o apoio dos Estados Unidos e a participação efetiva da CIA. Os oficiais da inteligência uruguaia participaram de cursos de especialização de contra insurgência na Argentina, no Brasil e na zona do Canal do Panamá (Escuela de las Américas), onde receberam instrução de agentes estadunidenses.

Com a chegada dos *blancos* ao governo foi colocado a frente da *Jefatura de Montevideo*, o coronel de infantaria Mario Aguerrondo – 49 anos, católico, nacionalista e anticomunista – que se cercou de jovens oficiais vinculados ao Partido Nacional como Antonio Píriz Castagnet, Pablo Lorenti, Yamandú Castro, Consuelo Breme de Antía e Alejandro Otero, que assumiu como chefe o *Servicio de Inteligencia y Enlace* (SIE).

Em relação a Alejandro Otero, um dos objetivos foi melhorar e atualizar os arquivos relativos aos sindicatos. Segundo ele, durante sua gestão foram recolhidas informações extremamente valiosas que fizeram “[...] mejorar nuestros ficheros de gente con tendencias comunistas. [...] con la información conseguimos [...] hicimos ficheros nuevos. Esa información a la vez nos va a ser de utilidad después para la lucha contra los Tupamaros.”¹⁴⁴ Essas informações foram compartilhadas com agentes da CIA¹⁴⁵, com os oficiais do exército uruguaio e com as embaixadas norte-americana e brasileira.

Dando sequência ao programa de reestruturação e modernização de seu aparato coercitivo em 1963, o Uruguai firmou acordo com a Agência Internacional de Desenvolvimento (AID), com a intenção de melhorar as condições técnicas de sua força policial.

Quando em 06 de abril de 1965 a Confederação Nacional de Trabalhadores – CNT – convocou a primeira grande *Jornada Nacional de Protesta* com uma greve geral de vinte e quatro horas, a *Dirección de Información* e o *Departamento de Inteligencia* fizeram uma operação com o objetivo de “infiltrar y controlar la actividad de los sindicatos, detener y castigar a los dirigentes”¹⁴⁶; foi a oportunidade para que os oficiais de inteligência vigiassem todas as sedes sindicais e recolhesem um maior número de informações a respeito.

¹⁴³ Vale lembrar que o Uruguai era um país que acolhia exilados de diversas partes do mundo.

¹⁴⁴ CIGANDA, Juan Pedro; RODRIGUEZ, Universindo; VISCONTI, Silvia. Los Archivos de “Inteligência” y la Historia Uruguaya. *Revista de la Biblioteca Nacional*. Uruguay, Época 3, año1, n. 3, p. 26, 2009.

¹⁴⁵ “el comissário Otero reconoció que había un contingente de agentes da CIA, como William Cantrell, instalados en la Jefatura de Policia de Montevideo con los cuales dijo, no manteria buenas relaciones”. Idem p. 27.

¹⁴⁶ Idem p. 29.

Ao ser entrevistado por Antonio Mercader, em 1967, o comissário Alejandro Otero respondeu questões referentes ao MLN-T:

- Por qué si los tupamaros estaban tan organizados, aparece un plano de Montevideo en un local, un manual para fabricar bombas en otro, un fichero con sólo nombres y detalles de actividades y concurrencias a sesiones de entrenamiento en otro, más ficheiros en un cuarto lugar?
- Se trata de una organización en la etapa de preparación. El secreto y la clandestinidad son sus mejores recomendaciones. Esto es el inicio para puesta en marcha de guerrillas urbanas y suburbanas, en apoyo a las guerrillas del campo. Es obvio que estratégicamente este tipo de organización no concentra la totalidad de su aparato en un solo lugar.¹⁴⁷

Quanto ao modo de atuação e os métodos de investigação, o comissário responde ao mesmo Antonio Mercader, em uma entrevista de 1969:

- las células encontradas fueron descubiertas en base a delaciones o dentro de un proceso de investigación?
- las células descubiertas hasta el momento, sus integrantes, sus enterraderos y sus métodos, dependen totalmente de un árduo trabajo de investigación y laboratorio para eso han debido revisarse cientos de fotos, montones de papeles y tomado cientos de actas o declaraciones.¹⁴⁸

A preocupação com a melhoria das condições de atuação dos serviços de inteligência era pauta antiga, em um memorando datado em 03 de setembro de 1965¹⁴⁹, o *Departamento de Inteligencia* dá conta de suas atribuições e reclama por mais atenção e recursos. Em março de 1966, por exemplo, o oficial inspetor Ángel Gutierrez revelou as carências do departamento: local inadequado, falta de pessoal, execução de tarefas desnecessárias, falta de informantes, ausência de recursos econômicos e subordinação burocrática.

De qualquer forma, em 1971 foi ordenada a passagem de comando da luta contrainsurgente para as Força Conjuntas, a polícia passou a ser um corpo militarizado, com seus agentes sujeitos à disciplina militar, sujeitos ao Código Penal Militar e com superiores hierárquicos de origem militar. Na prática, houve um redimensionamento e modernização dos serviços de inteligência policiais, mas estes perderam autonomia e foram subordinados às estruturas semelhantes militares, com as quais passaram a colaborar respeitando a imposição da nova hierarquia. Mesmo assim o SIE contribuiu de forma

¹⁴⁷ COSTA, op. cit., p. 104.

¹⁴⁸ Idem, p. 108.

¹⁴⁹ CIGANDA, Juan Pedro; RODRIGUEZ, Universindo; VISCONTI, Silvia. Los Archivos de "Inteligencia" y la Historia Uruguaya. *Revista de la Biblioteca Nacional*, Uruguay, Época 3, año 1, n.3, p. 15-47, 2009. p. 27.

significativa à derrota dos tupamaros, pois além de executar prisões e interrogatórios colaborou com as Forças Armadas fornecendo um grande número de informações relativas a indivíduos, grupos insurgentes e sindicatos, pessoas e entidades que, de forma direta ou indireta, orbitavam ao redor da guerrilha, seu braço político ou da própria Frente Ampla.

4.3 Forças Conjuntas: a entrada dos militares

O aumento e a ousadia¹⁵⁰ das ações armadas realizadas pelos tupamaros a partir de 1969, deram mostras da incapacidade policial em combater a organização¹⁵¹ e fizeram o governo Pacheco Areco, ao final de 1971, convocar as Forças Armadas, “cujos oficiais vinham sendo treinados em contra-insurgência em escolas militares dos EUA.”¹⁵²

Os militares uruguaios estavam melhores aparelhados ao enfrentamento insurgente: a) subsidiados pelo apoio da polícia e do grande volume de informações que possuíam; b) com a conivência do Parlamento, c) a formação na *Escuela de las Americas*, que os capacitou ao combate de contraguerrilha; d) os acordos de cooperação internacional, como o posterior “Plano Condor”; e) a melhoria do sistema de inteligência com o uso massivo e sistemático da tortura, com objetivos de arrancar informações e na conquista de várias e decisivas delações.

Delações

O caso mais significativo de delação relacionado ao MNL-T diz respeito aos guerrilheiros Héctor Amódio Pérez, Alicia Rey e Píriz Budes. Trata-se de casos significativos tanto por que Amódio – companheiro de Alicia – como Budes foram líderes da organização e dirigentes da *Coluna 15*, a maior e mais militarista de todas.

Segundo Clara Aldrighi:

Junto a la tortura, la colaboración de Amodio, Píriz Budes y Rey proporcionó una ayuda invaluable a las Fuerzas Conjuntas para el desmantelamiento rápido del aparato y el aprehensión de los cuadros de mayor ascendencia y proyección política. La presencia de dirigentes traidores puede haber incentivado casos de desmoralización frente a la tortura y hasta defecciones. En una organización basada en un tono moral tan acentuado, la traición puede volverse más importante que la derrota militar.¹⁵³

¹⁵⁰ Os sequestros do cônsul do Brasil, Aloysio Dias e do agente da CIA Dan Mitriane são exemplos disso.

¹⁵¹ Destaca-se a incapacidade de três mil policiais em encontrar o sequestrado Pereyra Reverbel solto pelos tupamaros, três dias depois do sequestro.

¹⁵² PADRÓS, 2011, p. 05.

¹⁵³ ALDRIGHI, op. cit., p. 128.

Anos mais tarde, em iniciativa pouco clara¹⁵⁴ Amodio não nega que tenha delatado, porém divide a culpa da entrega da *Cárcel del Pueblo* com outros dois tupamaros, Wassen e Wolff, usa como defesa acusações contra os dirigentes Sendic, Huidobro e Zabalza, por usarem a sua suposta delação como artifício para esconder seus próprios erros: “[...] lo han hecho y aún hoy lo mantienen para salvar su imagen”. Portanto, reforça que aqueles dirigentes o utilizaram como “bode expiatório” para esconder os equívocos estratégicos que cometeram.

Amódio Pérez faz um relato do quanto a organização estava dividida em função da luta pelo poder e confirma que Budes foi quem fez a delação:

Píriz Budes, es detenido a finales de abril, pero el MLN no se enteró hasta una semana después. En esa semana llegó a un acuerdo con el coronel Trabal, jefe del Servicio de Inteligencia Militar [...] entregó los locales y a los militantes que conocía, realizo informes acerca de los contatos con los políticos [...] elaboró un listado con los nombres y/o seudónimos y grupos al que pertenían los responsables de las acciones más relevantes: Morán Charquero, Mitrione y las más recientes del plan Hipólito.¹⁵⁵

Amodio confirmou as declarações de Budes, protegido pessoalmente pelo repressor capitão Calcagno, seu familiar, e mediante a promessa de não torturem a sua companheira Alicia Rey, ordenou os documentos e papéis que o tenente Armando Méndez havia recolhido junto à polícia, dando sentido a um calhamaço de informações, desconexas cheias de meias verdades e mentiras, que haviam sido conseguidas mediante torturas. Quer dizer, Amodio Pérez colaborou com o sistema de inteligência das Forças Armadas identificando militantes, relacionando nomes e os respectivos codinomes, desenhando o organograma da organização e desvelando parte da sua infraestrutura física e geográfica.

Torturas

A principal estratégia dos militares uruguaios para extrair informações de militantes foi a tortura, aplicada de forma sistemática, e que, em muitos casos levava a morte ou a transtornos psíquicos irreparáveis.

Según las denuncias de las víctimas estas torturas incluían electrocuciones, quemar párpados y encías, desnudar a las mujeres y pincharlas en pechos y genitales, mantenerles colgados desnudos durante horas, patadas, ahogamientos,

¹⁵⁴ La primera carta de Amodio Perez. Disponível em: <https://www.icndiario.com/wp-content/uploads/2013/06/La-primera-carta-de-Amodio-P%C3%A9rez.pdf>. Acesso em: 31/10/2018.

¹⁵⁵ Idem. Nessa citação Amodio Pérez refere-se a reconhecidos torturadores executados pela organização.

simulacros de fusilamientos, etc. Superaron todas las técnicas de tortura que aprendieron de Mitrión.¹⁵⁶

Além da tortura física, também foram utilizados recursos de tortura psicológica:

Cristina Cabrera, una de las mujeres rehenes de la dictadura, recuerda que “estando en el hospital me pusieron un revolver en la cabeza, venían a matarme porque había problemas fuera. En otra oportunidad me hicieron despedirme de mi familia, preparar todo, me vendaron los ojos, escuché el cerrojo de un arma y el disparo, pero no sentí el calor de la sangre, era un simulacro de fusilamiento.”¹⁵⁷

As torturas renderam muitos frutos ao aparato repressivo, muitos prisioneiros falaram e sob a violência dos interrogatórios entregaram militantes e esconderijos.

No sólo los oficiales, sino también los soldados como consta en las diferentes sentencias y como recuerda el propio Zabalza: “También había soldados rasos, no todo era obediencia debida, te encontrabas con sadismo a cualquier nivel...No nos mataron, pero el asunto era quebrarte psíquicamente en el largo plazo...Los peores eran los jóvenes, porque el oficial joven tenía que destacarse¹⁵⁸

O informe sobre *Muertes en las Prisiones Uruguayas* relata 85 mortes nas prisões uruguaias entre 1972 e 1986, divididas em três categorias: mortes por tortura, mortes por suicídios e mortes por enfermidades, causadas por torturadores. Provavelmente se trata de um número pequeno frente ao número de torturados e mortos durante o período da violência política. Aqui são registrados apenas uma de cada categoria, aleatoriamente, como exemplos de uma triste realidade da recente história uruguaia:

Edison MARIN: obrero agrícola de 40 años de edad. Muere el 3/6/72 en el Hospital Militar, a consecuencia de las torturas recibidas en el Regimiento de Caballería nº4. Marín fue puesto de plantón, golpeado, estaqueado, siempre encapuchado. Finalmente fue hecho destrozarse por perros amaestrados. Falleció en el Hospital Militar, solo e incomunicado.¹⁵⁹

Hugo CASTRO: obrero de 24 años de edad, fue detenido el 4 de julio de 1972 y luego de varios meses de tortura fue conducido al EMR 1. Realiza su primer intento de suicidio en el Penal, donde prende fuego el colchón y sus vestimentas;

¹⁵⁶ MARTINEZ, op. cit., p. 94.

¹⁵⁷ Idem. p. 93.

¹⁵⁸ Ibidem.

¹⁵⁹ SERVICIO PAZ Y JUSTICIA. **Muertes en las prisiones uruguayas**. Madres y Familiares de Processados por la Justicia Militar. Amnistía General Irrestrita Inmediata. Montevideo, Noviembre de 1984. Muertes por tortura. p. 09.

internado en el Hospital Militar se ahorca con la cadena de water. Su cajón cerrado fue enviado a Paysandú con orden expresa de no abrir lo. Fue el primer suicidio en el Penal de Libertad, el 7 de diciembre de 1972.¹⁶⁰

Washington JIMENEZ: detenido en 1972 muere en 1983 en el Hospital Militar. Enfermo psiquiátrico con alucinaciones, paranoia y varios intentos de suicidio. A consecuencia de uno de ellos se le había practicado una laparotomía exploratoria.¹⁶¹

4.4 A derrota

O dia 14 de abril de 1972 é uma data trágica para a organização guerrilheira. A jornada começou com uma iniciativa punitiva do MLN contra reconhecidos agentes que faziam parte do “esquadrão da morte”, que vinha se especializando na tortura e execução de tupamaros. A organização denunciou tal prática junto aos poderes legislativo e judiciário, entretanto, não houve maior acolhimento dos mesmos, salvo algumas corajosas atitudes de parlamentares da Frente Ampla e do semanário *Marcha*.

Foi assim que o MLN decidiu agir através de uma série de ações violentas com múltiplos ataques contra integrantes desse grupo paramilitar ligado aos órgãos da repressão. O *Plan Hipólito*, de ataque frontal contra o *Escuadrón de la Muerte*, se converteu, porém, num grande equívoco. Eleutério Fernandez Huidobro caracterizou o ato como “[...]una de nuestras mayores cobardias a lo largo de una vida militante [...]”¹⁶²

Al amanecer del día 14 de abril de 1972 fue asesinado el capitán de corbeta Ernesto Moto en el momento que salía de su domicilio, acusándose del hecho a Fernández Huidobro y a Serrano Piedecosas. A primera hora también eran asesinados el subcomisario Oscar Delega, su conductor Carlos Leites y un escolta, Sagunto Gonis. Por último y todo durante la misma mañana, murió el ex subsecretario del Interior, Armando Acosta y Lara, responsable de los “Escuadrones de la Muerte”.

La respuesta tampoco se hizo esperar y esa misma tarde fueron asesinados el periodista tupamaro Luis Martirena y su esposa y en un local del MLN-T controlado por la policía fueron encontrados y asesinados: Candán Grajales, Horacio Rovira, Gabriel Schroeder y Armando Blanco.¹⁶³

O ataque frontal dos tupamaros contra os integrantes do esquadrão da morte propiciou o motivo tão aguardado pelas Forças Armadas. Estas, passaram longos meses concentrados em atividades de inteligência, produzindo e avaliando informação. Enquanto iam montando as peças do complexo quebra-cabeça, aparentavam inércia e falta de

¹⁶⁰ Idem. Muertes por suicídios. p. 21.

¹⁶¹ Idem. Muertes por enfermedad. p. 31.

¹⁶² HUIDOBRO, 2001, p. 178.

¹⁶³ MARTINEZ, op. cit., p. 90.

eficiência. Porém, quando compreenderam a abrangência da ação tupamara, na manhã do 14 de abril, realizaram de forma brutal e com máxima eficiência, demonstrando o quanto já sabiam sobre a estrutura secreta da organização guerrilheira.

A reação oficial foi complementada com a aprovação do Estado de Guerra Interno, em 15 de abril. Segundo Leandro Kierszebaum “esto no implicaba el mero hecho de dejar em manos a las FFAA el combate a la “subversión”, sino la colaboración entre el poder político (atraves del Poder Ejecutivo) y todos sus agentes repressivos”¹⁶⁴, além disso anulava garantias individuais, como o direito ao *Habeas Corpus*.

Nos meses seguintes a escalada de violência aumentou, os tupamaros, em 18 de maio, mataram quatro soldados, seguranças do inspetor geral Florencio Gravina, e em julho executaram o coronel Artigas Alvarez.

A ofensiva das Forças Conjuntas também aumentou e muitos tupamaros foram presos, mortos ou empurrados para o exílio. A partir daí a organização pareceu perder capacidade de respostas. A coluna *Collar* ainda resistiu por algum tempo, até que em agosto foram presos a maioria os seus integrantes. Desde o Plano Hipolito, em abril, até a queda da coluna Collar, em agosto, passados cinco meses, as Forças Conjuntas submeteram militarmente o MLN-T.

¹⁶⁴ KIERSZENBAUM, Leandro. *Estado peligroso” y Medidas Prontas de Seguridad*. Violencia estatal bajo democracia (1945-1968). Historia y problemas del siglo XX. Año 3, volume 3. Julho de 2012. p. 111.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das explicações mais recorrentes entre “políticos, periodistas, novelistas históricos, desde centros de poder con capacidade de irradiación hacia la opinión pública”¹⁶⁵ a cerca da violência política no Uruguai, para o período que compreende o início dos anos 60 e se encerra em 1984/85, com o fim da ditadura civil-militar, refere-se a “teoria dos dois demônios”.

Em linhas gerais essa teoria começa por descrever um Uruguai no início dos anos sessenta como uma espécie de paraíso, onde a população vivia em harmonia. A educação era acessível a todos e os partidos políticos atuavam como mediadores dos escassos conflitos sociais. Eis que nessa pequena “Arcadia” irrompe um grupo de esquerda armado que inspirado na Revolução Cubana resolve desordenar as coisas. O Estado democrático reage e coloca as Forças Armadas nas ruas, a fim de proteger a pátria combatendo os guerrilheiros comunistas.

O problema estava estabelecido, eram dois bandos lutando entre si: os que alteraram a ordem contra aqueles que, em nome de restabelecer a ordem, apropriaram-se do poder por mais de uma década. Enquanto a sociedade aparece como vítima dos ataques dessas duas forças antagônicas, a partir de uma sequência cronológica: primeiro a ação subversiva, depois a reação militar e, por último, o indesejado golpe de Estado e a ditadura decorrente.

Afora ser demasiado simplista, a “teoria dos dois demônios” expressa a mais óbvia de suas contradições: o fato de que a guerrilha já estava desmantelada quando se produziu o golpe. Portanto não há a linearidade cronológica proposta pela teoria, porque o golpe não precisava ter sido dado, ou já estava sendo preparado antes do nascento da guerrilha, e ela, a guerrilha, só nasce em função do perigo de golpe, que germina em paralelo à grave crise econômica do início dos anos 60, que ameaçava direitos e expectativas de vida dos setores populares e médios da sociedade uruguaia.

Mas a questão ultrapassa o limite do “quem atirou a primeira pedra”. Uma análise dialética entre a dinâmica do contexto histórico e as motivações dos atores permite perceber que foi o Estado a transformar um governo “democrático” e “pacífico”, com expectativas de economia estável; contrastando com o quadro de miséria vivenciado no

¹⁶⁵ CIGANDA; RODRÍGUEZ; VISCONTI, 2009, p.15.

conjunto da América Latina; em um instrumento de ganho burguês, e viu, como uma de suas válvulas de escape, a opção da violência como forma de restabelecer a justiça social.

Entender o porquê de atores políticos terem colocado a luta de classes, incorporada à violência política da luta armada, como único meio de solucionar as questões político-sociais não é fazer juízo de valor acerca do bem e do mal, mas refletir sobre o momento político e a incapacidade da elite uruguaia em gerenciar a crise econômica pela qual passava o país, travando uma luta feroz por manter seu *status quo* de classe dirigente.

Há uma pergunta delicada: a via guerrilheira era incongruente diante de um Estado ainda democrático legalista, mesmo que a serviço da ordem burguesa e oligárquica? Os fatos demonstram que a administração Pacheco Areco começava a trilhar rapidamente por vias autoritárias que extrapolavam a ordem constitucional, elevando o grau de violência estatal a um estado de exceção quase permanente (com o recurso extraconstitucional das MPS) e o uso de meios arbitrários, como a tortura, que antecipavam o posterior terrorismo de Estado da ditadura de Segurança Nacional.

Contudo, persiste a dúvida sobre a legitimidade da luta armada no período anterior ao governo de Pacheco Areco. A violência política não foi exclusividade da esquerda revolucionária; a violência estatal se manifestou constantemente, inclusive encobrendo grupos paramilitares de extrema direita, como o comando caça-tupamaros que atuava com relativa impunidade.

O grande equívoco cometido pelos tupamaros foi acreditar que seria viável combater as Forças Armadas de igual para igual, em um momento que já haviam perdido o apoio da população devido ao aumento irracional da violência e certas decisões como a execução de Mitrión. As tentativas de se ater às diretrizes originais foram frustradas, muito em função das disputas de poder dentro do grupo e da evolução dos acontecimentos. Os problemas internos contribuíram na derrota militar dos guerrilheiros, porém, isso também foi mérito das Forças Armadas, dado o apoio recebido em estratégia e tática pelos Estados Unidos, a diferença numérica de combatentes, a modernização de sua agência de inteligência e dos meios cruéis de obter informações. Fatores determinantes para a derrota dos tupamaros.

Dentro de uma perspectiva militar e deixando de lado os crimes contra os direitos humanos (mesmo os daqueles considerados inimigos), as Forças Armadas uruguaias se qualificaram com muita eficiência no combate antissubversivo. A utilização dos meios fornecidos pelo Estado, a ausência de limite quanto aos meios empregados e a

centralização e o verticalismo da estrutura de comando produziram um confronto muito assimétrico.

Superadas as dificuldades iniciais, quando a organização guerrilheira se mostrava muito eficiente, sobretudo no plano político e propagandístico, quando se impôs a lógica das armas o resultado foi inevitável. Terminados os confrontos, os antagonistas tomaram rumos diferentes: um, de pose do meio material e ideológico alcançou seu objetivo de chegar ao poder absoluto: a ditadura. O outro desaparelhado e materialmente inviável foi buscar as prováveis causas da sua derrota, fazendo um autoexame de seus eventos e suas responsabilidades.

Um longo exílio, uma experiência carcerária duríssima e massiva, as sentidas perdas humanas e um processo interno marcado por disserções, fragmentação e distanciamentos não impediram que uma certa unidade sobrevivesse à terrível ditadura. Concluída essa etapa o MLN-T, sob a liderança de Raul Sendic, entre outros, se reestruturou e passou a ocupar um espaço político dentro da Frente Ampla mantendo, apesar de suas contradições e disputas internas, uma vitalidade muito intensa. Mesmo que alguns dos seus antigos integrantes estejam atualmente em setores políticos diferentes, a identidade tupamara sobrevive e dá uma enorme dimensão a frase de Jorge Zabalza: “JAMÁS NOS DAREMOS POR VENCIDOS”.

REFERÊNCIAS

- ALDRIGHI, Clara. **La izquierda armada**: ideología, ética, e identidad en el MLN-Tupamaros. Montevideo: Ediciones Trilce, 2001.
- AMODIO PÉREZ, Héctor. La primera carta de Amodio Perez. **ICN**: Iberoamérica Central de notícias, Madrid, 2013. Disponível em: <https://www.icndiario.com/wp-content/uploads/2013/06/La-primera-carta-de-Amodio-P%C3%A9rez.pdf>. Acesso em: 31 out.2018.
- AMÓDIO PEREZ, Héctor. “Me arrepiedo de haber sido tupamaro”. [Entrevista cedida a] Jorge Lauro e Alfredo Garcia. **Semanario Voces**, Montevideo, 04 set. 2015. Disponível em: <http://www.voces.com.uy/entrevistas-1/hectoramodioperezme arrepientodehabersidotupamaro>. Acesso em: 31 out. 2018.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. cap. 1.
- BAMBIRRA, Vania. **El capitalismo dependiente Latino-Americano**. México: Siglo Veintiuno, 1985.
- BLIXEN, Samuel. As vidas e visões de um jornalista tupamaro. [Entrevista cedida a] Fernanda Canofre dos Santos. **Sul 21**, Porto Alegre, 26 maio 2014. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/samuel-blixen-as-vidas-e-visoes-de-um-jornalista-tupamaro>. Acesso em: 18 out. 2018.
- CABRAL, José Pedro Cabrera. Trajetória do Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros, 1962-1973: algumas questões de identidade poder. *Estudios Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. 23, n. 2, p. 156-171, dez. 2007.
- COSTA, Omar. **Los Tupamaros**. México: Ediciones Era, 1971.
- COSTA BONINO, Luis. **Crisis de los partidos tradicionales y movimiento revolucionario en el Uruguay**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1988.
- CIGANDA, Juan Pedro; RODRIGUEZ, Universindo; VISCONTI, Silvia. Los Archivos de “Inteligência” y la Historia Uruguaya. *Revista de la Biblioteca Nacional*, Uruguay, Época 3, año 1, n.3, p. 15-47, 2009.
- CULTELLI, Andrés. **La revolución necesaria**: contribución a la autocrítica del MLN Tupamaros. Buenos Aires: Colihue, 2006.

DIARIO ACCIÓN. **Museo de la Memoria del Pasado Reciente**. Montevideo. Disponible em: <http://www.pasadoreciente.com>. Acceso em: 12 set. 2018.

El DIARIO. **Museo de la Memoria del Pasado Reciente**. Montevideo. Disponible em: <http://www.pasadoreciente.com>. Acceso em: 12 set. 2018.

EL DIA. **Museo de la Memoria del Pasado Reciente**. Montevideo. Disponible em: <http://www.pasadoreciente.com>. Acceso em: 12 set. 2018.

ESTEVA GALLICCHIO, Eduardo G. Los estados de excepción en Uruguay: hipótesis, aprobación y controles jurídicos o jurisdiccionales. *Ius et Praxis*, Talca, v. 8, n. 1, p. 147-169, 2002. Disponible em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-00122002000100010. Acceso em: 29 out. 2018.

GATTO, Hebert. **El cielo por asalto**. El Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros) y la izquierda uruguaya (1963-1972). Montevideo: Taurus, 2004.

HUIDOBRO, Eleuterio Fernandez. **Historia de los Tupamaros**. Montevideo: Tae, 1988. Tomo 1: los orígenes.

HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. **Historia de los Tupamaros**: en la Nuca. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

KIERSZENBAUM, Leandro. Estado peligroso y Medidas Prontas de Seguridad. Violencia estatal bajo democracia (1945-1968). *Historia y problemas del siglo XX*, v. 3, n. 3, p. 97-114, jul. 2012.

LABROUSSE, Alain. **Historia de los Tupamaros**: de Sendic a Mujica. Montevideo: Fin de Siglo, 2009.

LABROUSSE, Alain. Tupamaros de la guerrilla al partido de masas. Uruguay: la estrategia de los Tupamaros. *Para una crítica política de la cultura*. Buenos Aires: Los Libros, enero, 1972.

LESSA, Alfonso. **La revolución imposible**. Los tupamaros y el fracaso de la vía armada en el Uruguay del - Siglo XX. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2001.

LÓPEZ, Gustavo. Uma breve história do movimento operário uruguiaio. *Marxismo vivo*, n. 16, p. 128-140, 2007. (Isto é História).

MARCHESI, Aldo; YAFFÉ, Jaime. La violencia bajo la lupa: una revisión de la literatura sobre violencia y política en los sessenta. *Revista Uruguaya de ciencia política*. Montevideo, v. 19, n. 1, 16 out. 2010.

MARENALES, Julio. Breve historia del M.L.N. / Tupamaros. *CEME*: Centro de estudios Miguel Enriquez, Chile, 2005. Disponível em: http://www.archivochile.com/America_latina/JCR/MLN_T/tupa_de/tupade0011.pdf.

Acesso em: 03 set. 2018.

MARTINEZ, Julio Bordas. **Tupamaros**: derrota militar, doble metamorfoses política y victoria judicial y electoral. 2014. Tese (Doutorado em Direito). Departamento de Derecho Penal y Criminología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Montevideo, 2014.

MERENSON, Silvina. Las marchas de la Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas: La producción ritual de una formación discursiva. IDAES/ UNSAM-CONICET. **Anuário de antropologia social**, Montevideo, p. 71-89, 2009. Disponível em:

<http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2009/Merenson.pdf>
Acesso em: 14 ago. 2017.

MICHELENA, José Agustín Silva. **A crise no sistema mundial**: política e blocos de poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. **Actas tupamaras**: MLN: movimiento de liberación nacional. Argentina: Cucaña, 2003. Disponível em: <https://osirredentosblog.files.wordpress.com/2015/12/actas-tupamaras.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL: tupamaros. Documento n. 1.

CEDEMA: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [2006?]. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=111>. Acesso em: 09 ago. 2018.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS. Documento n.2: el problema de la acción. 2. Convencion nacional: 01 enero 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?]. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=112>. Acesso em: 09 ago. 2018.

———. Documento n. 3: apuntes sobre la acción frente a las masas. Elaborado em maio de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?]. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=113>. Acesso em: 09 ago. 2018.

———. Documento n. 4. Elaborado em janeiro de 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?]. Disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=114>. Acesso em 09 ago. 2018.

_____. Documento n. 5: 1971. Elaborado em 16 de julho de 1971. *CEME*: Centro de Estudios Miguel Enriquez, Chile, 2005. Disponível em: http://www.archivochile.com/America_latina/JCR/MLN_T/tupa_de/tupade0006.pdf.

Acesso em: 09 ago. 2012.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL (TUPMAROS). Partido o foco: un falso dilema. *Para una crítica política de la cultura*. Buenos Aires: Los Libros, enero 1972.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. **Documentos Políticos (1968-1971)**.

Disponível em: <https://creandopueblo.files.wordpress.com/2011/09/tupamaros-historiaydocumentos.pdf>. Acesso em: 11 de out. 2018.

NERCESIAN, Inés. Debates en torno a la lucha armada de los años 60 en Brasil y Uruguay. Un estado de la cuestión. *HAOL: historia actual online*, Universidad de Buenos Aires, n. 17, out. 2008.

PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...: terror de Estado e segurança nacional Uruguay (1969-1985): do Pachecato a ditadura civil-militar*, 2005. Tese (Doutorado em História) – PPG – História/ UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____. A ditadura civil-militar no Uruguai: doutrina de segurança nacional. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 495-517, jul./ dez. 2012.

_____. Uruguai: o *Pachecato* e a escalada autoritária no final dos anos 60. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, jul., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

_____. As escolas militares dos estados unidos e a pentagonização das forças armadas da América Latina. *Outros Tempos*, Vol. 1 esp., 2007, p. 13-31. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/vol_especial/dossiespecialart02.pdf. Acesso em 01/11/2018.

PEIRANO IGLESIAS, Alondra. Revolución y lucha armada: una relación necesaria? El Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros y el Movimiento de Izquierda Revolucionaria em sus inicios (1965-1973). *Revista Encuentros Latinoamericanos*, Montevideo, v. 3, n. 9, p. 96-120, dic. 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

PRIETO, Marina Cardozo. Violentos y Corteses. Acerca de la violencia en el MNL-Tupamaros, a partir de algunas categorías de Norbert Elias*. *Prácticas de oficio*:

Investigación y reflexión en Ciencias Sociales, n. 4, ago 2009. Publicación del Posgrado en Ciencias Sociales UNGS-IDES.

REAL DE AZÚA, Carlos. **Partidos, política e poder en el Uruguay – 1971 – coyuntura y pronóstico**. Montevideo: Universidad de la Republica – FHC, 1971.

REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Juntas de Comandantes en Jefe. **Las Fuerzas Armadas al Pueblo Oriental**. Montevideo, 1976. Tomo 1 (La subversión).

REY TRISTÁN, Eduardo (org). **La Izquierda Revolucionaria Uruguaya, 1955-1973**. Sevilla: Universidad de Sevilla-Diputación de Sevilla, 2005.

ROSENCOF, Mauricio; HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. **Memorias del caladozo**. Tafalla: Txalaparta Argitaletxea, 1993. Disponible em: <http://www.psicosocial.net/grupo-accion-comunitaria/centro-de-documentacion-gac/aprender-de-la-voz-de-los-supervivientes/651-memorias-del-calabozo/file>. Acceso em: 01 ago. 2017.

SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?: Inventando a los tupamaros de los 60**. Tese (Licenciatura em Estudos Latinoamericanos) – Facultad de Filosofía y Letras - Colégio de Estudios Latino-americanos, Universidad Nacional Autónoma de México. Cidade de México, 2013.

SARANDY, Flávio Marcos Silva; RODRIGUES, Alberto Tosi. **Modelo básico para elaboração de um projeto de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Disponible em: www.ufrgs.br/laviecs/biblioteca/arquivos/como_fazer_%20pesquisa.pdf. Acceso em: 02 mar. 2017.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Guerra e guerra de revolucionária. *Revista de sociologia e política*, Universidade Paulista. São Paulo, n. 8, p.31-41, 1997.

SERVICIO PAZ Y JUSTICIA. Madres y Familiares de Processados por la Justicia Militar. Amnistia General Irrestrita Inmediata. **Muertes em las prisiones uruguayas**. Montevideo: Graphis, 1984. Disponible em: <http://www.smu.org.uy/dpmc/pracmed/temas/ddhh/tortura/f042587.pdf>. Acceso em: 16 ago. 2017.

SOLARI, Aldo. **Estudios sobre la sociedad uruguaya**. Montevideo: Arca, 1964.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (v.1: A árvore da liberdade).

30 PREGUNTAS A UM TUPAMARO. *Revista Punto Final*, n.58, Santiago do Chile, 02 jul. 1968. *CEDEMA*: Centro de Documentación de los Movimientos Armados, [20-?]. Disponible em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=1722>. Acceso em: 09 ago. 2018.

TUPAMAROS: germen de lucha armada en uruguay. Revista Punto Final (suplemento), n.58, Santiago do Chile, 02 jul. 1968. *CEDEMA*: centro de documentación de los movimientos armados, [2006?]. Disponible em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=5092>. Acceso em: 09 ago. 2018.

URUGUAY. **Ley n. 14.068, de 10 de julio de 1972.** Ley de Seguridad del Estado y el Orden Interno. Montevideo, Poder Legislativo, 1972.

ZABALZA, Jorge. Texto de Zabalza y repuesta de “Amodio Pérez. *CALPU* - Coordinadora de Apoyo a las Luchas del Pueblo Uruguayo, [Montevideo], 24 maio 2013. Disponible em: <http://calpu.nuevaradio.org/?p=114>. Acceso em: 31 out. 2018.

ZABALZA, Jorge. Uruguay, los Tupamaros ayer y hoy. [Entrevista cedida a] Daniel de Santis. *Correspondencia de Prensa*, n. 28, Jun. 2006. (Catedra libre Ernesto Che Guevara las revoluciones en América Latina).

ANEXOS

Anexo A- Bandeira da primeira marcha por *la Tierra* e a de UTAA.



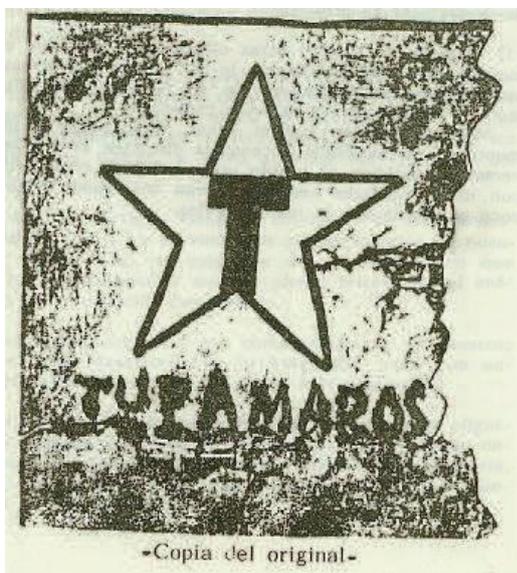
Fonte: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS (MLN-T). Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros. 3. ed.. Uruguay: YOEALibros, 1987 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p. 98.

Anexo B - Tela "por la TIERRA y con SENDIC".



Fonte: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS (MLN-T). Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros. 3. ed.. Uruguay: YOEALibros, 1987 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p. 98.

Anexo C – Rascunho do símbolo. Estrela branca com bordas pretas e um T ao centro, em vermelho.



Fonte: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS (MLN-T). Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros. 3. ed.. Uruguay: YOEALibros, 1987 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p. 102.

Anexo D – Rascunho do símbolo. Estrela branca com bordas pretas e um MLN ao centro.



Fonte: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS (MLN-T). Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros. 3. ed.. Uruguay: YOEALibros, 1987 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p. 102.

Anexo E: Funeral de Líber Arce



Fonte: HANDLER, Mario. Liber Arce, LIBERARSE. (Cortometraje). Cinemateca del 3er mundo. Uruguay, 1969 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p.105.

Anexo F: Bandeira do MLN-T



Fonte: MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL TUPAMAROS (MLN-T). Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros. 3. ed.. Uruguay: YOE Libros, 1987 apud SANDOVAL MERCADO, Marco Antonio. **¿Desenmascarar la Suiza de América?** Inventando a los Tupamaros de los 60. Cidade de México, 2013. p. 109.

Anexo G: Reportagem sobre a morte de Silvera Regalado

ASESINADO



COMISARIO Antonio Silvera Regalado, a quien se le atribuye haber y conducido hasta la muerte sus compañeros, cuando allanó la Policía un rancho en cercanías de Tala.

TERRORISTAS: MATAN ALEVOSAMENTE A UN COMISARIO POLICIAL

Al Allanar una Guarida fue Atacado por la Espalda; el Homicida se Quitó la Vida



Atacado por la espalda cuando efectuaba un allanamiento en una cabaña de Casalonga, cayó esta madrugada bajo el plomo criminal el Comisario Antonio Silvera Regalado, a cargo del Servicio de Radio Patrulla de la Jefatura de Policía de Montevideo.

La muerte del joven e inteligente funcionario ha sido recibida por nuestra población con gran pesar, ya que Silvera Regalado había puesto en la defensa de la sociedad sus mejores condiciones de funcionario y de hombre, llegando muchas veces a exponer su vida que, lamentablemente, perdiera esta madrugada.

Un hombre valiente

Para quienes en razón de nuestro trabajo tuvieron contacto frecuente con Silvera Regalado, éste se mostraba siempre animado, de un carácter jovial, que daba y recibía una bronca, en medio de una conversación seria, que de momento terminaba en gélida formal.

En los últimos días, con motivo de las diligencias para poner en evidencia las actividades de las células comunistas en nuestra ciudad, el Servicio de Radio Patrulla tuvo unprecedentede actividad, ya que tuvo directamente en las captauras efectuadas y efectuadas.

En la noche esa madrugada, vino al Comisario Silvera Regalado actuar con un valor rayano en la prisión, dando el pecho al peligro que pudiera ocurrir allí. Parecía que no creyera posible su muerte en esas acciones, porque tenía el convencimiento de estar acostumbrado a la colectividad de un enorme peligro.

Lamentablemente, ese exceso de valor, ese espíritu de heroísmo, le fue fatal esta madrugada, cuando efectuaba su último allanamiento en una cabaña en la del Tala, como veremos a continuación.

Un lugar concreto

Las Diligencias concluidas por el Departamento de Investigaciones por las señalizaciones IP 176 y se habían permitido seguir una pista bifurcada sobre el posible paradero de las actividades de las células que se mencionan. La comisión integrada por varios miembros de sus respectivos departamentos el lugar llamado y señalado han quedado en un terreno que se halla en poder del Comisario Alejandro Otero, de Intendencia.

Llegan al lugar

En las 2 y 30 de esta madrugada cuando los tres coches indicados se detuvieron muy cerca del domicilio 80 de la Ruta 7, al Tala. Los hombres bajaron en medio de un silencio total de las viviendas y sin hacer el menor ruido, se dirigieron a una cabaña donde se halla un pequeño rancho que se llama Rancho de los Cuervos que se halla muy rodeado de precipitantes, para que su ruido no se oír en medio del silencio absoluto de la madrugada.

Los miembros de los agentes se preparaban pronto al disparo en las armas largas que llevaban, mientras que los que dirigían la maniobra ordenaban en voz baja al detective para rodear la casa de la cabaña y evitar posibles fugas por las ventanas.

El minuto fatal

ARGENTINA

BUENOS AIRES, 27 (ANSA). — El balance del Banco Central, correspondiente a la semana comprendida entre el 19 y el 23 del corriente señala un record absoluto en el incremento de la circulación monetaria de 27.132 millones de pesos, cifra que supera a las diversas emisiones acordadas en el primer semestre de este año.

ALCAZAR DE LA DEFENSA ARGENTINA

La Comisión, formada por los señores 112.200 pesos en el 20 de diciembre y en el 21 de este mes de 27.132 millones de pesos, en el 23 del corriente. En sus 5 días, que el balance registra un aumento de 27.132 millones de pesos, cifra que supera a las diversas emisiones acordadas en el primer semestre de este año.

CHOQUE ENTRE OBREROS EN EL PUEBLO

BUENOS AIRES 27 (ANSA). — El Sindicato de Trabajadores del Bata, formado por el 20 de diciembre de 1966, en un momento de crisis, se enfrentó a los obreros de la cabaña de los Cuervos, que se halla en poder del Comisario Alejandro Otero, de Intendencia.

\$3.00
EL EJEMPLAR

Acción

Editor: FRANCISCO A. FORTESA - Agencia 181, Pta. 12, Avda. 18
Año XIX - Montevideo, martes 27 de diciembre de 1966 - Nº 6380



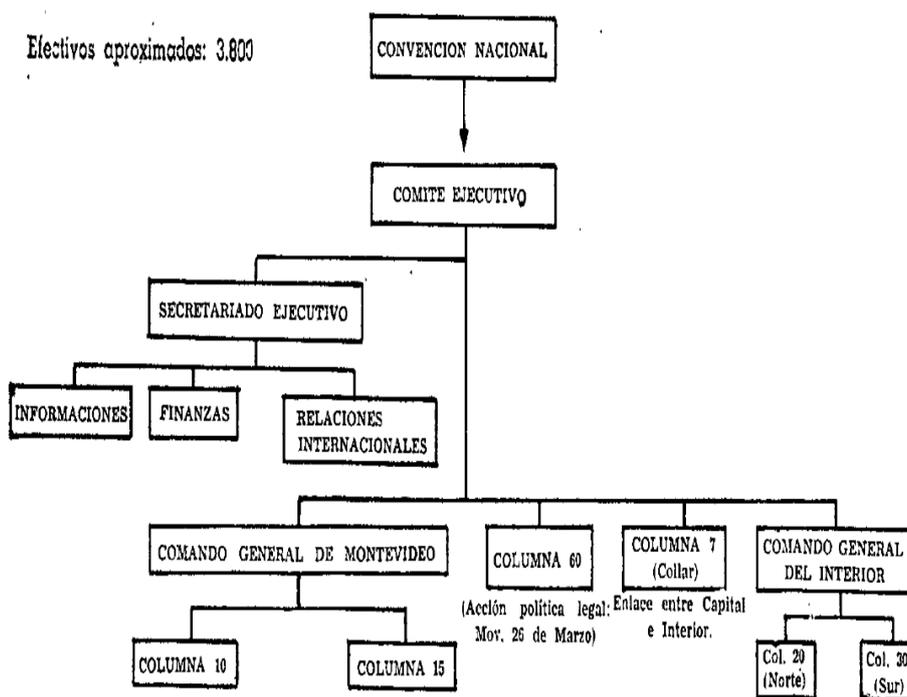
Vietnam: Admite USA Bombardeos a Regiones Civiles

WASHINGTON, 27, (UPI) — El gobierno de Estados Unidos reconoció hoy que los bombardeos aéreos a Vietnam del Norte inevitablemente habrán causado daños a regiones civiles.

Fonte: ACCIÓN. Terroristas: Matan Alevosamente a Un Comissario Policial, Montevideo, n. 6380, 27 dez. 1966.

Anexo H: Organización do MNL-T para setembro/ 71 à março/72, segundo as Forças Armadas.

MNL-T ORGANIZACION A SETIEMBRE DE 1971 HASTA MARZO DE 1972
(Aparato orgánico que permitió el establecimiento del poder paralelo y sirvió de base para procurar el objetivo siguiente según línea "H")



Fonte: REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Juntas de Comandantes en Jefe. **Las Fuerzas Armadas al Pueblo Oriental**. La subversión. Tomo 1. p. 379.

Anexo I: Reportagem sobre o "Estado de Guerra Interno"

EL PAIS

ABO LIV. N° 17.400 FUNDADORES: LEONEL ADURIZ, WASHINGTON BELTRAN y EDUARDO RODRIGUEZ LARRETA MONTEVIDEO, SABADO 15 DE ABRIL DE 1972 DIRECTORES: WASHINGTON BELTRAN y DANIEL RODRIGUEZ LARRETA EDICION DE 24 PAGINAS Precio del Ejemplar: \$ 60.00

ASAMBLEA VOTARIA PEDIDO DEL GOBIERNO
"ESTADO DE GUERRA" INTERNO POR 30 DIAS

SEIS MUERTOS ES EL SALDO DE LA DRAMATICA JORNADA

Los Hechos: Cronología

Nuestro país vivió ayer uno de los días más dramáticos de su historia moderna. Impresionantes acontecimientos comenzaron a desarrollarse a temprana hora, con un ritmo vertiginoso y silencioso, para culminar hasta bien pasado el mediodía, con un saldo aterrador: 12 muertos y más de un centenar de heridos. El desarrollo cronológico de los hechos y sus consecuencias fue el siguiente:

6.55 — Un patrullero comendado que aguarda tres instrucciones militares a un vehículo policial en Av. Luis P. Franca casi Av. Rivera, donde aguarda el subcomandante Oscar Delgado y el agente Carlos A. Letica Cruzgasti. Allí quedó herido el agente Sencouzo Gudi.

7.30 — Otro comendado ingresó a la Iplena Melodista Central, en la calle Constitución.

8.05 — En la ciudad de Las Piedras el capitán de corbeta Ernesto Melio es arrojado a balcones en la calle cuando se enfrenta a un impreciso disparo proveniente de una construcción que está a gran distancia.

10.30 — Justo una semana de la Iplena Melodista uno de los patrulleros disparó una ráfaga de ametrallamiento sobre el Prof. Armando Acosta y Letra, matándolo, e hiriendo a su esposa y a su custodia.

11.35 — Continúa a sesionar el Consejo de Ministros para analizar los dramáticos episodios.

12.00 — Comienza a sesionar el Consejo de Ministros para analizar los dramáticos episodios.

12.05 — Separados por breves intervalos llegan a la Casa de Gobierno los comandantes de las Fuerzas Armadas.

12.15 — Primer comunicado de las Fuerzas Conjuntas, informando sobre la situación de hostilidad contra sus funcionarios.

12.45 — En el Correo de la Victoria —Niola Herrera y Francisco Pila— se produce un tiroteo, tras el cual quedan muertos dos individuos (un hombre y una mujer) y gravemente herido el subcomandante Juan Carlos Reyes. Un tercer patrullero es detenido.

12.55 — En Amazonas y Aconcagua se produce otro tiroteo en una guardiá industrial, en el cual queda un patrullero y un cuartel es capturado. También sufre heridas.

13.05 — En otro procedimiento llevado a cabo en Pérez Cordero 4392, en el barrio, se realizan muertos cuatro sospechosos más, considerando entre ellos los señores Alberto Curdán Grañales y Rubroder Orco.

14.35 — En la Casa de Gobierno, los ministros de Interior y Defensa formulan declaraciones. Presuntamente, el Gral. Riquelme había dicho: "Evitamos en un verdadero estado de guerra".

15.00 — Finaliza la sesión del Consejo de Ministros.

15.15 — Llega a la Casa de Gobierno el Dr. Washington Beltrán. Demanda arribar: Dr. Amador Vasconcelos (15.20), Gral. Oscar Abarro (15.25), Dr. Héctor A. Orsatti (15.30), Agustín Caputi (15.35), Carlos Pablo Herrera (17.00), Rosar Jada y Dr. Gimeno Caputi (17.30), Wilson Ferrero Aldunate de Noroeste (18.00) y Jorge Balle (18.45).

18.00 — Juan José Corti y Gedeón Chaves.

18.35 — Se informa acerca de las decisiones del Consejo de Ministros, incluyendo la solicitud de asuero a la Asamblea Constituyente para suspender las garantías individuales.

19.00 — Se da a publicidad el comunicado avanzado que hoy será día de duelo nacional.

19.30 — Se reúne en el Palacio Legislativo la Cámara del Partido Nacional.

19.35 — Páase a sesión la Asamblea General, siendo primer orador el ministro Alejandro Kovar.

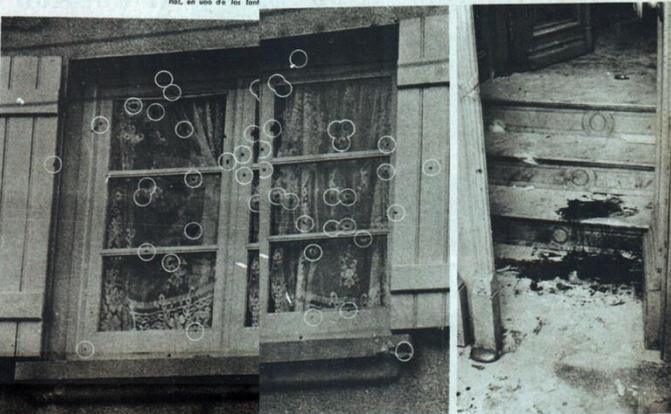
21.30 — El Presidente Bordaberry se dirige a todo el país por radio y televisión.

22.00 — Se reanuda la sesión de la Asamblea General, luego de un cuarto intermedio solicitado por la Cámara Nacional.

22.15 — La policía allana la sede central del Partido Comunista, produciéndose un tiroteo que no arroja víctimas.



Los hechos ocurrieron durante el dramático tiroteo que se realizó frente a una finca de la calle Amazonas, en uno de los días.



Así quedó el frente de la finca de la calle Amazonas, donde se refugió el presidente del Consejo de las Fuerzas Conjuntas. Obsérvense los numerosos impactos de bala de todos, sumamente ilustrativos de la magnitud que alcanzó el enfrentamiento. El saldo fue de dos seccionados muertos y dos detenidos (uno de ellos herido). Asimismo, varios integrantes de Fuerzas Conjuntas fueron alcanzados por los disparos de los extremistas. Este es el zócalo de la casa del ex-Presidente del Consejo de las Fuerzas Conjuntas. Obsérvense los numerosos impactos de bala de todos, sumamente ilustrativos de la magnitud que alcanzó el enfrentamiento. Sobre la escalera se observan grandes manchas de sangre, ilustrativas de la furia del atentado.

Fonte: EL PAÍS. "Estado de Guerra Interno" por 30 dias. Montevideo, 15 abril, 1972.